

**HISTÓRIAS DA
ERA AQUARIANA**
para
CRIANÇAS



FRATERNIDADE ROSACRUZ

VOL. III

HISTÓRIAS DA ERA AQUARIANA PARA CRIANÇAS

Volume 3

Compilado por um Estudante da

The Rosicrucian Fellowship

Centro Rosacruz de Campinas – SP – Brasil
Avenida Francisco Glicério, 1326 – conj. 82
Centro – 13012-100 – Campinas – SP – Brasil

Revisado de acordo com:

1ª Edição em Inglês, 1951, *Aquarian Age Stories for Children*,
editada por The Rosicrucian Fellowship

1ª Edição em Português, 1990, *Histórias da Era Aquariana para
Crianças*, editada por The Rosicrucian Fellowship

Pelos Irmãos e Irmãs da Fraternidade Rosacruz – Centro
Rosacruz de Campinas – SP – Brasil

www.fraternidaderosacruz.com
contato@fraternidaderosacruz.com
fraternidade@fraternidaderosacruz.com

SUMÁRIO

DEDICATÓRIA.....	4
O COLAR CORAL.....	5
A MELANCIA DE MICHEL.....	9
QUE O MUNDO TODO SE REJUBILE.....	17
O PRESENTE DE JAMES.....	23
QUE CRIANÇA É ESTA?.....	28
QUANDO.....	36
UMA SEMANA NO REINO DAS FADAS.....	37
PARA UMA AVELEIRA.....	57
AS CHAVES DO CÉU.....	58
A FONTE DA AMIZADE.....	62
NO JARDIM DO TAPETE FLORIDO.....	69
A CORTE DA FADA.....	73

DEDICATÓRIA

O amor pelas crianças, combinado com a sensibilidade às profundas verdades da vida, possibilitaram os autores dessas histórias, que foram publicadas há anos na Revista “*Rays from the Rose Cross*”, a expressar de maneira atraente, muitas fases da sabedoria da Natureza. A esses amigos dedicamos, com gratidão, as *Histórias da Era Aquariana para Crianças*.

Muitos meninos e meninas estão cientes dos “pequeninos seres” e de outras Forças da Natureza mencionadas nessas histórias. Esperamos que muitas outras crianças fiquem animadas a tomar conhecimento delas, através da leitura deste pequeno volume.

Fraternidade Rosacruz, 1951

O COLAR CORAL

Florence Barr

Todos vocês já fizeram aniversário e sabem como é excitante abrir pacotinhos misteriosos, embrulhados suavemente em papéis brancos e amarrados com alegres fitas coloridas. Assim sendo, caros leitores, vocês sabem como se sentiu Rosália no seu aniversário e como ela abria seus presentes ansiosamente, exclamando diante da surpresa que representava cada pacote.

O último a ser aberto era uma caixinha alongada, diferente dos outros pacotes. E, quando ela abriu a caixa, você precisaria tê-la ouvido exclamar: “Oh, que maravilha!”; pois lá estavam estendidas sobre um tufo de cetim branco, três rosas minúsculas esculpidas no mais delicado coral e presas por uma bela corrente de ouro.

- Oh, Vovô, que lindo colar! Onde você o comprou? Diga-me tudo sobre essas lindas rosas de coral!

Então, Vovô ergueu Rosália e colocou-a sobre seus joelhos e todas as crianças da festa se juntaram ao seu redor, para ouvir a história do colar de coral.

- Há muitos anos atrás – provavelmente milhares de anos, disse Vovô, sobre as mornas águas azuis do Mar Mediterrâneo, flutuavam criaturinhas com um corpo suave como as geleias, parecendo estrelas do mar, somente que bem pequenas. Elas estavam procurando um novo lar e, encontrando rochas firmes no morno e profundo mar, elas agarraram-se lá, com segurança. Não tinham pés nem olhos, mas, através de suas bocas, elas bebiam em gotas a água do mar, absorvendo pequenas quantidades de cal que ajudaram a construir seus corpos e assim formar aquilo que pareciam ser pequenos castelos de pedras de cal. Um número cada vez maior dessa família de corais flutuantes – relacionada com a famosa família dos pólipos – agarravam-se as rochas. Elas se fixavam firmemente nas rochas e com que paciência e tenacidade

desempenhavam seu trabalho de construir, fazendo sua parte no jardim do mar preparação pela Mãe Natureza!

- O sedimento cresceu, cresceu, até que, após algum tempo, formou quase uma grande parede. Quando os corpos das primeiras famílias se fixaram e viraram pedras, então, dessas pedras pareciam crescer pequenos botões – quase como acontece com as pequeninas folhas na primavera. Estas eram as crianças corais e, à semelhança das outras crianças, elas também estavam procurando novos lares, como fizeram os pioneiros. No entanto, outras crianças nunca tentaram desligar-se da família, mas permaneceram em casa ajudando na construção. Assim, essa parede viva cresceu e tornou-se cada vez mais bonita. Ela refletia o azul do céu, o dourado do Sol brilhando, as tonalidades róseas do pôr do Sol e, também, o escarlate do nascer do Sol. Após algum tempo, apareceram lindas florestas de árvores de coral, delicados arbustos cor-de-rosa e flores de um matiz profundo. Perto das paredes de coral estavam minúsculos lagos, onde peixes de cor brilhante nadavam para lá e para cá, mordiscando os musgos verdes que se agarravam nos ramos de coral.

- Algumas vezes, outros pequenos habitantes do mar importunavam a família coral, dizendo: “Saíam de suas casas e flutuem conosco!”. E os pequenos corais construtores respondiam: “Vão embora e sejam felizes. Não podemos sair de nossas casas – pois as nossas casas somos nós mesmos. Mas nós nos divertimos com nosso trabalho e somos felizes construtores para a Mãe Natureza!”.

- Os pequenos corais construtores não podiam ouvir como nós e, conseqüentemente, não podiam falar como nós, mas os habitantes do mar têm uma linguagem própria e entendem bem o que as outras famílias do mar lhes dizem, explicou Vovô. Assim, fiel, esperançosa e amorosamente eles constroem um grande cordão de coral. Naturalmente, eles levam anos e anos para construir esse cordão; pois esses minúsculos construtores são muito pequeninos. Os antigos povoadores há muito já deixaram seus castelos,

semelhantes a casas de pedra-calcária e sua pequena chama de vida já apagou. Mas, eles deixaram suas casas de pedra com uma sólida fundação para que outros pequeninos corais pudessem construir sobre elas. Esses felizes construtores amavam as arrojadas ondas e as espumas do mar. E, muitas vezes, as ondinas – os espíritos do mar – sussurraram-lhes sobre as outras criaturas do mar, contando-lhes maravilhosas lendas sobre os tesouros do mar da Mãe Natureza. Os bondosos Espíritos da Natureza que trabalham com a grande família dos pólipos, ajudaram-nos com suas paredes de coral e os animavam em seu trabalho. Porque na escola da Mãe Natureza há uma regra, que aquele que sabe fazer coisas deve ajudar os que estão aprendendo e devem ter paciência com eles, até que aprendam suas lições. A Mãe Natureza é maravilhosa, e o Pai magnânimo deixou aos seus cuidados carinhosos, todas as crianças da Terra e do Mar. E a Mãe Natureza guia e olha todas as suas criancinhas. Ela as ama com um amor muito compreensivo e sempre recompensa sua fidelidade. Assim, os pequenos corais construtores não se incomodavam quando, numa tempestade ocasional, as ondas fortes quebravam um grande pedaço de sua parede. Não, isto era parte da recompensa que esperavam por serem construtores fiéis. Uma nova experiência estava reservada a eles, pois bondosos pescadores levavam embora esses pedaços quebrados do coral da praia.

- E isso trouxe-me até ao seu colar, Rosália, continuou Vovô. Um adorável pedaço de um raro coral cor-de-rosa foi levado a um joalheiro que, com suas mãos carinhosas, esculpiu essas delicadas rosas. E, através de seu fiel serviço à Mãe Natureza, os construtores corais agora trazem felicidade para uma garotinha no dia de seu aniversário.

Vovô colocou a corrente de ouro ao redor do pescoço macio de Rosália, dizendo:

- Estas três rosas cor-de-rosa ajudarão você a lembrar-se das três maiores coisas na vida, Rosália – fé, esperança e amor. Fé no coração compreensivo da

Mãe Natureza – esperança em ser útil à medida que você atravessa a escola da vida – e o amor, amor por todas as coisas que vivem. E, da mesma forma que amamos as criaturas do mar, as flores, os animais e os ajudamos a progredir na vida, os Anjos e os Arcanjos nos ajudam a crescer mais forte para que nós também possamos progredir. AMOR é o modo pelo qual crescemos à semelhança do Pai na Terra do Amor.

*“O mundo está cheio de rosas,
Rosas cheias de orvalho, você vê.
O orvalho está cheio de amor celestial,
Que goteja para mim e para você”.*

☆☆☆☆☆☆☆☆

A MELANCIA DE MICHEL

Patsey Ellis

Foi sempre a melhor melancia de todo o pomar. Mesmo quando estava pequenina, era tão redondinha e rechonchuda que Michel notou isso e comentou com sua mãe e com seu pai:

- Parece um bebê gordinho, pronto para sorrir.

- Se você gosta dela tanto assim respondeu seu pai, nós a daremos para você. Estará madura pela época de seu aniversário e você poderá comê-la em sua festa.

- Oh, obrigado, papai – exclamou o garotinho satisfeito.

Depois disso, Michel cuidou da melancia de maneira especial e os Espíritos da Natureza e os animaizinhos que eram seus amigos, também dispensam a ela um cuidado especial. Com tamanha atenção amorosa, a pequena melancia redonda cresceu mais do que todas as outras no pomar até que, alguns dias antes do aniversário de Michel, parecia estar em maravilhosas condições.

Enquanto isso, no lado oposto do jardim, na estrada que cortava a casa de Michel, os animaizinhos continuavam muito ocupados. Shirley, o esquilo, podia ser visto caçando castanhas aqui e ali; Gobi, o ratinho, aparecia de vez em quando na porta de sua casa, a Senhora Pluma, com seus dois gatinhos listados, foi procurar umas guloseimas e os coelhinhos de rabos de algodão estavam saltitando em todo o pomar.

À tarde, dois dias antes do aniversário de Michel, Peralta, o coelhinho e seu avô Pés-Ligeiros, junto com outros parentes, reuniram-se no pomar discutindo um problema de grande importância para eles. Durante muitos dias eles estavam preocupados com umas visitas noturnas que um de seus novos vizinhos, o Senhor Gambá estava fazendo fora do pomar.

- Três noites eu o vi sair, disse Sra. Pés-Ligeiros, e a coruja Oliver disse que o viu também voltando para casa de madrugada.

- Certamente não parece muito respeitável permanecer fora a noite toda, disse a Sra. Pés-Ligeiros.

O vovô Pés-Ligeiros ajustou seus óculos e disse:

- Bem, minha querida, não devemos julgar tão severamente. Ele pode estar tomando conta de um amigo doente.

- Oh, vovô, você está sempre tentando ver o bem em todo mundo, e naturalmente isto está certo. Mas eu acho que devemos saber para ter certeza, respondeu a Senhora Sra. Pés-Ligeiros.

- Então, um de nós deve segui-lo esta noite e descobrir exatamente aonde ele vai, sugeriu seu prático marido.

Sim, podemos fazer isso, concordou vovô, vocês dois, Sra. Pés-Ligeiros e Robusto, encontrem-me aqui esta noite quando surgir a Lua sobre o topo dos eucaliptos, e verificaremos se ele sai para alguma travessura.

Todos concordaram com isso e, nessa noite, quando a Lua bem redonda iluminou o pomar por cima dos altos eucaliptos, vovô Pés-Ligeiros e seus dois netos encontraram-se debaixo de alguns arbustos perto da árvore onde o Senhor Gambá fizera sua casa. Depois de algum tempo, o Senhor Gambá pôs o nariz fora da porta, olhou cuidadosamente e, então, deu uma corrida para a cerca, em direção ao portão. Os coelhos seguiram-no no maior silêncio possível. No portão, o Senhor Gambá parou para olhar a sua volta e rapidamente dirigiu-se para a estrada e atravessou-a. Lá, parou outra vez por um momento, à vista de um automóvel que surgia com seus faróis altos. Então, correu pela estrada, em direção a casa de Michel.

Enquanto isso, os coelhos saltitavam atrás dele, a uma certa distância, desejando saber para onde ele estava indo. Quando o viram parar na cerca do pomar de melancia, entreolharam-se, sem entender.

- Venham, disse vovô, logo saberemos o que ele vai fazer.

Quietos, eles se esconderam atrás dos arbustos e viram o Gambá muito ocupado cavando a terra perto da cerca.

- Por que ele está fazendo isso, vovô? – perguntou Robusto, filho do Pés-Ligeiros.

- Bem, ele está fazendo um buraco perto da cerca para entrar no pomar, respondeu vovô.

- Mas não entendo como ele pode comer uma melancia, sussurrou Robusto.

A essa altura, o Senhor Gambá acabara de cavar o buraco e estava entrando no pomar. Não muito atrás dele, cuidadosos e curiosos, seguiram os coelhinhos, escondendo-se facilmente entre as folhas da melancia.

O Senhor Gambá olhou fixamente para as melancias e de repente fixou-se na melancia gorda e redonda de Michel. Puxando-a de um lado com seu nariz, começou a arranhá-la do outro lado. Logo havia um buraco na melancia doce e vermelha e o Gambá faminto colocou-a entre suas patas e começou a devorá-la com imenso prazer.



Os olhos dos coelhos quase saltaram de suas faces.

- Não posso acreditar, sussurrou vovô.

Os três sentaram-se quietos sem saber bem o que fazer, enquanto o Senhor Gambá continuava comendo avidamente. Vovô achava que nenhum dos animais do jardim poderia fazer qualquer mal à família de Michel, pois eles amavam os animais e os tratavam quase como seres humanos.

De repente, ele disse em voz alta:

- Aquela é a melancia do aniversário de Michel. Este assalto deve parar imediatamente.

Nesse momento, ouviu-se o latido de um cão. O sr. Gambá saiu correndo de volta para a cerca e atravessou o buraco para o outro lado da estrada. Os coelhos o seguiram o mais rápido possível.

Na manhã seguinte, bem cedinho, Michel, lembrando-se de seu aniversário, correu para acariciar sua melancia antes de ir para a escola. Quando chegou ao pomar, mal pôde acreditar no que via. Lá estava o buracão aberto pelas patas do faminto Senhor Gambá e as sementes estavam jogadas pelo chão.

- Mamãe! Papai! chamou Michel, vendo-os surgir a porta. Venham aqui. A melancia de meu aniversário está estragada. Há um buraco nela e as sementes estão por todos os lados.

- Há pegadas? – perguntou seu pai, aproximando-se da cerca.

- Sim, há, respondeu Michael, inclinando-se para ver mais de perto.

Quando o pai de Michel examinou a melancia e viu as pegadas, disse:

- É muito triste, filhinho, mas um gambá fez uma festa com a sua melancia.

- Mas, como ele pôde descascá-la?

- Bem, disse seu pai, as patas dianteiras do gambá são bem parecidas com a mão humana e suas unhas são bem afiadas. Já os vi fazer isso antes, mas há algum tempo não via gambás por aqui.

- Mas, é melhor você ir para a escola agora, querido, disse sua mãe, ou irá atrasar-se. Vamos levar a melancia para dentro e aproveitar o que ainda há de bom para o jantar, acrescentou, enquanto Michel obedientemente ia embora.

Enquanto isso, os coelhos se reuniram no pomar e decidiram chamar a atenção do Senhor Gambá e explicar-lhe que coisa terrível ele tinha feito. Vovô Pés-Ligeiros e toda a família dirigiram-se à casa do Senhor Gambá. Bateram à porta, mas ninguém respondeu. Bateram novamente, dessa vez mais alto.

Finalmente, o Senhor Gambá, piscando seus olhos com sono, atendeu a porta.

- Senhor Gambá, disse vovô, nós precisarmos ter uma conversa séria com você e explicar-lhe algumas coisas que você parece não entender.

O Senhor Gambá pareceu surpreso, mas disse educadamente:

- Muito bem. Entre e sentem-se.

Vovô limpou sua garganta um tanto nervosamente, deu uma olhada no círculo de seus parentes e aí disse:

- Sabemos que você é recém-chegado a estas bandas e desconhece nossos costumes, por isso achamos melhor esclarecê-lo. Veja, há certas pessoas que são tão boas para os animais, que nós nunca molestamos suas terras.

O Senhor Gambá piscou seus olhos e pareceu constrangido.

- E aquele pomar de melancias que você entrou a noite passada pertence a um de nossos melhores amigos, disse Sra. Pés-Ligeiros excitadamente.

- Sim, Sra. Pés-Ligeiros está certo, senhor Gambá, continuou vovô. Não queremos ferir seus sentimentos e por isso viemos ver você. Gostamos muito

de Michel e aquela era a melancia que ele iria servir em sua festa de aniversário.

O Senhor Gambá olhou nervoso para o seu pé. Começou a sentir-se envergonhado.

- Oh, compreendo, ele disse. Bem, Senhor Coelho, eu gosto mais destas paragens do que aquelas em que vivia antes e ficarei feliz de submeter-me aos seus costumes. E, também, gostaria de ser um dos amigos de Michel. Conheci garotos que não são tão bons para os animais.

Vovô terminou sua conversa com Senhor Gambá e cumprimentaram-se cordialmente.

- Bem, está tudo certo. Ficaremos felizes de tê-lo por aqui se você agir bem e se sentir bem entre nós.



- Mas o que faremos com a melancia de Michel? – Sra. Pés-Ligeiros quis saber.

Nesse momento, veio uma voz alegre de um ramo de uma figueira que estava por perto.

- Penso que nós, os Espíritos da Natureza, poderíamos ajudá-lo, disse a voz. Também gostamos de Michel.

Todos os animaizinhos olharam para a pequena criatura acima deles com indisfarçável reconhecimento.

- Sabemos que você pode, Gnomo, respondeu Sra. Pés-Ligeiros, mas terá que apressar-se. Amanhã é o dia do seu aniversário e não há outra melancia suficientemente madura para ser comida.

- Oh, podemos acertar isso, disse o Espírito da Natureza. Todos nós iremos para o trabalho e faremos com que uma das outras melancias amadureça antes do amanhecer e vocês, pessoal, ficam encarregados de mudá-la até onde estava a melancia de Michel.

E foi isso exatamente o que fizeram!

Na manhã seguinte, Michel levantou-se cedo, preparou-se e dirigiu-se para o pomar das melancias pensando tristemente como seus amigos gostariam de comê-la! Olhou para o lugar onde ela deveria estar e lá, para sua surpresa, estava outra melancia rechonchuda! Chamou todo excitado:

- Oh, mamãe, papai! Venham aqui rapidamente. Há uma outra melancia igualzinha à minha, no mesmo lugar.

- Isso eu tenho que ver, respondeu seu pai.

Mas, lá estava ela e quando o pai de Michel a examinou, ela estava no ponto certo.

- Como é que ela veio parar aqui? perguntou Michel, com um largo sorriso em seu rosto.

- Oh, suponho que alguns de seus amiguinhos a colocou aí, disse seu pai bem-humorado. De qualquer forma, aí está ela e agora você poderá tê-la para a festa de seu aniversário.

O pai de Michael não sabia que os ‘amiguinhos’ estavam escondidos entre as folhas, olhando. Mas, era isso mesmo que estavam fazendo e todos sorriam ao verem a felicidade no rosto de Michel.



QUE O MUNDO TODO SE REJUBILE

Helen Waite

Música sempre encantou as Fadas e, por muito tempo, cinco delas permaneciam quietinhas, ajoelhadas próximas a uma janela aberta, ouvindo as crianças cantarem. Nenhum dos meninos e das meninas, que juntos ensaiavam sua canção para o Serviço da Páscoa, sabiam que elas estavam ali.

As vozes claras e jovens fundiam-se no ar, e as Fadas ali permaneciam reverentemente e ouviam cada palavra de louvor enquanto as crianças cantavam:

*“Ele ascendeu, Ele ascendeu resplandecente,
Vamos proclamar isto alegremente;
De sua prisão de três dias, Ele se libertou,
E o mundo todo se rejubilou”.*

As Fadas pularam para o peitoril da janela, impelidas pela beleza e encantamento da música. Elas permaneciam em fila na borda estreita da janela, suas faces erguidas, em adoração, por encontrar o amoroso poder do Cristo Nascido e, mesmo assim, as crianças não perceberam sua presença. Mesmo quando a música parou e as crianças se prepararam para voltar às suas casas, nenhuma delas notou que as fadinhas as olhavam.

Enquanto as Fadas olhavam, elas também escutavam o que a professora de música dizia às crianças.

— Quando vocês desfilarem amanhã de manhã, ela disse, cada uma de vocês carregará um vasinho com o Lírio da Páscoa.

As crianças bateram palmas de alegria.

— E, continuou a professora, quando vocês chegarem ao tablado, por favor, coloquem ali os seus vasilhos.

Ela dirigiu-se ao tablado e as crianças a seguiram para aprender o que deveriam fazer.

Mas, as Fadas não esperaram para ver ou ouvir mais nada. Elas flutuaram graciosamente para o chão e correram a fim de reunir alguns equipamentos que certamente ajudariam na grande ocasião. Não havia tempo a perder, porque o dia seguinte era Domingo de Páscoa.

Sem qualquer embaraço, as Fadas dirigiram-se a uma árvore e voltaram em um minuto. Uma delas carregava uma vassoura. Era feita de penas, tão suave como a chuva recém caída.

— Eu vou varrer as folhas dos lírios e fazê-las brilhar, ela cantarolou.

A segunda Fada segurava um pano de pó. Era grande e inteiramente tecido de teia de aranha.

— Tirarei o pó das pétalas, uma por uma, ela disse, e elas estarão radiantemente brancas para a manhã da Páscoa.

A líder das Fadas quase caiu do tronco da árvore, tão grande era sua carga. Ela carregava um enorme sabão de aroma de eucalipto, uma escova de cerdas de raios lunares torcidos e uma toalha que se arrastava no chão, debaixo de seus pés, de tão grande que era.

As outras duas Fadas tinham mãos com o poder de cura. Assim, usavam-nas para restaurar as plantas machucadas e descoloridas, devolvendo-lhes a beleza. Elas tinham um coração amoroso e, com o sussurro de suas doces vozes, convidavam os insetos a se retirarem dos botões e das flores onde frequentemente dormiam. Todas as fadas tinham um alegre senso de sua própria responsabilidade para tornar os lírios muito bonitos para o Domingo de Páscoa.

— Alguém sabe onde estão os vasinhos de lírio? – Perguntou a fada com a vassoura. Ninguém sabia!

— O que devemos fazer? – Gritavam as outras, em desespero.

A líder estendeu a toalha no chão e sentou-se nela, cruzando suas pernas enquanto pensava.

— Rápido! Ela gritou finalmente. Vamos voltar para o peitoril da janela antes que seja tarde demais. Talvez devêssemos escutar mais do que a professora de música tem a dizer às crianças.

Numa nuvem de esperança e felicidade, as fadas voltaram à janela para espiar de novo, mas era muito tarde. Não havia ninguém à volta. Mais uma vez, sua líder sentou-se de pernas cruzadas para pensar.

— Há mais janelas!

E lá se foram as Fadas espiar em todas as outras salas. Em frente a uma delas havia uma mesa, um telefone e lá estava a professora de música. As Fadas ouviram atentamente o que ela dizia:



— É da Floricultura Tempo-Feliz? – Ela perguntou ao telefone.

E as pequeninas Fadas quase caíram do peitoril da janela de tão excitadas que estavam. E estavam tão excitadas que nem a ouviram perguntar sobre os lírios.

Mas, uma outra voz bem longínqua, saiu do aparelho e desta vez as Fadas conseguiram ouvir.

— Os vinte e cinco vasinhos de lírios estarão prontos para as crianças no Domingo pela manhã, disse a voz distante.

As quatro fadinhas não esperaram para ouvir mais nada. Elas pularam para o chão e se aproximaram de sua líder, dizendo-lhe o que tinham ouvido.

— Continuem com seu trabalho normalmente, ela disse, até ao pôr-do-sol. Quando o último raio desaparecer no céu, ao anoitecer, encontremo-nos aqui. Enquanto isso localizarei a Floricultura e voltarei para levar vocês até lá na quietude da noite.

Todas concordaram e quatro Fadas voltaram a seu trabalho costumeiro de formar as folhas e as flores das plantas e das árvores. A fada líder flutuou sobre sua toalha por todo o local, como se estivesse sobre um tapete mágico. Enquanto ela estava fora, as outras não podiam pensar em nada além dos vasinhos de lírios e nas crianças que cantavam. Elas cantarolavam ao ouvido de cada planta sobre a qual trabalhavam, instilando em cada uma delas amor pela vida ressuscitada. Muitas formas lindas surgiam, enquanto elas cantavam suavemente:

*“Abençoado Senhor, vamos todos adorar-Te,
Os Santos na Terra e os Santos nos céus juntamente;
Todas as criaturas vão reverenciar-Te,
Por Tua vida ter-lhes dado, amorosamente”.*

Os pássaros ouviam e as borboletas ouviam e, também, ouviam as abelhas e os insetos. Uma por uma, elas elevavam no ar o alegre refrão, enchendo o mundo com sua música. Assim, toda a Terra rejubilava.

Enquanto isso, a Fada líder localizara a Floricultura Tempo-Feliz. Lá dentro, numa fileira suntuosa, estavam vinte e cinco vasinhos de flores. Em cada um

deles havia um lírio branco. O Elfo ergueu seus olhos para dizer, “Obrigado” e, quando olhou para o céu, o Sol derramava seu último raio na tarde calma. Rapidamente a Fada líder juntou-se às outras.

— Tudo está pronto, anunciou. Iremos imediatamente à Floricultura.

Durante toda a noite elas trabalharam na Floricultura, escovando, tirando a poeira, limpando, até que todos os vasinhos de lírios brilhassem. Elas abriram os botões para enchê-los de luz e muitos dos insetos, ali alojados, saíram. Suas mãos curadoras, gentilmente, tratavam dos botões que estavam feridos e descoloridos e sussurravam uma prece de bênção para cada um. Quando o primeiro raio de Sol despontou para iluminar a Floricultura na Manhã de Páscoa, cada lírio estava limpo, inteiro e radiantemente branco.

A líder das Fadas sentou-se de pernas cruzadas sobre uma folha para avaliar o trabalho que tinham feito. A vassoura e o pano de pó continuaram a polir, mesmo onde não havia mais necessidade. Outros insetos saíram dos botões: um par de mãos curadoras transformaram o último botão ferido num botão saudável, e as Fadas declararam que seu trabalho estava terminado.

— Está bem, elas disseram, pois agora até os lírios cantarão ao Cristo ressuscitado.

Elas voltaram às suas casas nas árvores e esperaram o soar dos sinos que chamavam as pessoas para o Serviço da Páscoa. Vestidas com seus melhores trajes de festa, as Fadas sentaram-se em silêncio no peitoril da janela para tomar parte na cerimônia. Nenhum dos participantes suspeitou que elas estivessem lá. Todos olhavam para uma coroa de rosas vermelhas colocadas numa cruz branca.

Uma estrela dourada, luminosa, num fundo azul, brilhava como um halo de luz e amor atrás da cruz florida, e as Fadas, com suas bocas minúsculas, sussurravam eloquentes “o-o-o-s”. A música do órgão vibrava pela sala e ressoava em cada coração enquanto as crianças entravam. Os meninos e as

meninas, cada qual carregando um brilhante Lírio de Páscoa, cantavam mais triunfalmente do que nunca:

*“Aleluia! Aleluia!
Cristo ressuscitou”.*

E as Fadas ouviram os lírios cantarem também.



O PRESENTE DE JAMES

Marguerite Walker

Era a tarde de um dia quente de junho. A Senhorita Spratt estava sentada no seu jardim, à sombra de uma grande mangueira, quando, de repente, o portão se abriu e surgiram seus dois amiguinhos, Bob e Pedro.

- Você tem tempo para nos contar uma história? – Perguntou Bob.

- Oh, por favor, conte-nos, suplicou Pedro.

A Senhorita Spratt parecia ter um sortimento infindável de histórias e estava sempre contente por contá-las a Bob e Pedro, pois eles prestavam muita atenção no que ela dizia. Quando os garotos se sentaram na grama, aos pés da Senhorita Spratt, ela começou:

— Vocês dois ouviram a história na Escola Dominical sobre os milagres dos pães e dos peixes, não é?

— Sim, disseram os meninos, em uníssono.

— Bem, essa história é uma que inventei sobre um menino que, a Bíblia menciona, poderia estar lá quando Jesus realizou aquele milagre.

Há muitos, muitos anos atrás, numa terra distante, vivia um rapaz que chamaremos de James. Naqueles dias não havia carros, ônibus, e as pessoas tinham que andar de um lugar para outro. Era comum se juntarem em grupos que andavam quilômetros e quilômetros até o lugar de seu interesse. No tempo dessa história, Jesus andava pela região, falando com as pessoas sobre Deus e curando os enfermos. Muitas pessoas O seguiam; algumas porque O amavam, outras porque queriam aprender com Ele ou serem curadas e outras porque queriam estar entre a multidão.

James tinha ouvido seus pais e vizinhos falarem sobre Jesus e as coisas maravilhosas que Ele fazia, e queria poder ver esse grande homem.

Uma manhã, James estava sentado diante de sua porta, quando algumas pessoas passaram e, de uma forma gentil, disseram ao rapaz:

— Ouvimos dizer que Jesus está por perto e vamos vê-Lo. Você gostaria de vir conosco?

James estava encantado com a perspectiva de uma viagem e com a possibilidade de ver esse homem de quem tanto ouvira falar. Assim, correu à sua mãe e perguntou se podia sair com as pessoas do vilarejo. Sua mãe consentiu e rapidamente embrulhou alguns pedaços de pão e dois peixes pequenos que sobraram do desjejum, colocando-os no bolso de James, sabendo que um jovem rapaz poderia sentir fome antes de voltar para casa.

Com um beijo de despedida e com o coração alegre, James saiu de casa e juntou-se aos outros na rua. Era tão divertido sair para tal aventura!

Pelo caminho, outras pessoas juntaram-se a eles, até que a rua ficou cheia, mas ainda assim elas continuavam chegando de todos os lados. Todas as pessoas falaram sobre Jesus e o que Ele tinha feito. James estava tão emocionado e feliz que nem sentiu cansaço ou fome. À distância, eles viram um grande amontoado de pessoas ao lado da montanha. Eles se apressaram para juntar-se a elas, pois lá estava Jesus falando e ensinando muitas coisas. As palavras de Jesus estavam tão repletas de coisas maravilhosas e interessantes que a multidão se esqueceu do tempo e de comer.

Então, começou a ficar tarde e um dos discípulos de Jesus sugeriu que mandassem as pessoas embora para comer alguma coisa, Jesus disse:

— Eles não precisam ir; suas casas estão longe. Nós os alimentaremos aqui. Procurem entre eles o que há para comer.

Quando James ouviu falar sobre comida sentiu fome e lembrou-se do almoço que sua mãe lhe preparou. Quando o tirou de seu bolso, olhou para cima e viu um dos discípulos de Jesus atravessando a multidão e falando a cada um.

Parecia que o homem perguntava à multidão se eles tinham alimento, mas todos respondiam negativamente.

Será que James era o único que trouxera alimento? O que deveria fazer — espalhar seus pequenos pedaços de pão e minúsculos peixes e comer diante da multidão? Ele estava com muita fome. Enquanto se questionava sobre o que fazer, o discípulo de Jesus chegou até ele e perguntou-lhe se ele tinha algum alimento para dar a Jesus. James sentiu um imenso desejo de chorar. Ele queria sua refeição e, ao mesmo tempo, queria dá-la, pois, o homem não tinha dito que era para Jesus? Então, sem dizer uma palavra, ele entregou seu pacote de comida ao discípulo e sentiu-se aliviado. Tinha certeza de ter feito o que sua mãe esperava que ele fizesse. Então, ouviu os discípulos dizerem a todos que se sentassem. Quando estavam sentados, em grupos, James viu Jesus pegar os seus pães e os peixes e olhar para o céu.

O que Jesus faria com sua refeição? James olhava ansiosamente. Jesus estava proferindo algumas palavras, enquanto continuava a olhar para cima — palavras que soavam como a prece que a mãe de James fazia às refeições — prece de agradecimento.

Um arrepio passou por James quando percebeu que Jesus estava segurando seus pães e peixes e dando graças por eles, diante da multidão. Oh, como estava feliz por ter dado sua refeição ao discípulo! Nem sentia fome agora, estava tão cheio de contentamento.

Como ele ficou surpreso quando Jesus partiu os pães e os peixes e os deu aos discípulos que, por sua vez, os serviram às pessoas — não apenas a um ou dois, mas a todos. Havia comida suficiente para todos! Como podia ser?

James sabia que havia só uns poucos pães e dois pequeninos peixes no seu pacote e agora... cada um dessa multidão estava comendo, e como era gostoso. James estava certo de que nunca um alimento fora tão bom. Ansiava voltar para casa e contar a seus pais o ocorrido.

Quando todos haviam comido o suficiente, ainda havia comida sobrando. Assim sendo, elas a recolheram e a colocaram em seus cestos para não perderem nada.

Então Jesus despediu as pessoas, pois já era tarde e estava na hora de voltarem para suas casas.

James juntou-se ao grupo que ia na mesma direção que ele, mas já não era o mesmo rapaz que saía de sua casa nessa manhã. Ele sentia-se interiormente mudado – um sentimento confortante e feliz. Tinha a impressão de que estava andando no ar e seus pés pareciam que não tocavam o chão. Nunca esqueceria esse dia. Pensar que ele teve algo para dar ao grande homem, Jesus — algo que Jesus pode realmente usar. Apesar de seu presente parecer pequeno, devido a bênção de Jesus, ele havia aumentado fazendo com que todos pudessem compartilhá-lo.

— Que lição maravilhosa e que dia maravilhoso! comentou James. Devo lembrar sempre de agradecer por aquilo que tenho e dividi-lo com os outros.

Assim que disse adeus aos seus amigos e entrou em sua casa, ele disse:

— Mamãe, eu voltei.

Sua mãe apressou-se em cumprimentá-lo. Certamente seu filho deveria estar cansado após essa longa jornada. Mas, ela parou e olhou para ele com surpresa. Como ele estava feliz, como estava revigorado! Uma nova luz brilhava no seu rosto e ao redor dele — a luz parecia encher toda a sala. Quando disse a ela o que aconteceu naquele dia, ela entendeu e ficou satisfeita. Sabia que James estava feliz, pois tinha dado o melhor de si.

Quando a Senhorita Spratt terminou sua história, Pedro disse:

— Como eu gostaria de ter estado lá!

— Eu ficaria muito orgulhoso de dar meu lanche para Jesus, disse Bob.

— Vocês sabem, disse a Senhorita Spratt, que há muitas maneiras que vocês, meninos, podem servir a Jesus e ajudar os outros como fez James? Quando vocês sorriem ou cantam uma alegre canção, ou fazem algo gentil, vocês estão dividindo sua bondade com os outros. Muitas pessoas estão tão famintas de amor e alegria como aquelas estavam de alimento. Quando mamãe pede para vocês fazerem alguma coisa e vocês a fazem com vontade e alegria, vocês estão presenteando Jesus como James o fez. Jesus veio para ensinar a amarmos uns aos outros e nos darmos livremente. Agora, acho que é hora de vocês dois, rapazinhos, voltarem para suas casas para o jantar.

— Sim, senhorita. Venha, Bob, disse Pedro enquanto levantava-se, e obrigado pela linda história. Lembraremos do que você nos disse sobre como podemos dar também.

— Até logo, disse Bob, enquanto seguia Pedro.

☆☆☆☆☆☆☆☆

QUE CRIANÇA É ESTA?

Gussie Ross Jobe

Muitos anos atrás, na vila de Gdynes, na Polônia, bem perto do Rio Dnieper, uma pequena cabana estava encostada a uma casa, cujo telhado de palha cobria as duas. A parte externa da casa era destinada aos animais da fazenda e fora construída perto dela para que os animais pudessem ser logo socorridos, se fossem atacados pelos lobos no meio da noite, mas oh! por mais de um ano essa construção não abrigara nenhuma cabra ou porco. A casa servia de moradia para uma mulher e seus dois filhos, um menino de 12 anos chamado Ignácio e uma menina menor, Vilma.

Eles eram muito pobres. Mesmo quando Papai Strada estava com eles, era difícil obter alimentos e roupas. Agora, já se passou um ano que Papai caiu de seu pequeno barco de pesca numa noite muito tormentosa e nunca foi encontrado, nem mesmo uma pista dele. Mamãe tomou para si o encargo de cuidar da pequena família. Ela conseguiu trabalho, como diarista, na grande casa da colina pertencente à família Varcona.

Fazia um frio intenso. Ignácio e Vilma tinham trabalhado arduamente arrastando galhos secos da floresta. Estes queimaram rapidamente no fogão, mal servindo para tirar o gelo das suas mãos. Eles estavam guardando os pedaços maiores para queimar para quando sua mãe chegasse, ao pôr do Sol. Parados diante da janela, espiando através da vidraça embaçada, aguardavam que sua mãe aparecesse na curva da estrada. Oh! Como estavam famintos, pois era Véspera de Natal e o último de três longos dias de jejum. Eles jejuavam, pois sua mãe disse que assim estava certo e que isto lhes traria sorte e, além do mais, havia muito pouco para comer. Esta noite, quando a primeira estrela aparecesse no céu, seria o fim do período de jejum.

Eles esperavam que sua mãe trouxesse da grande casa alguns restos de comida, mas a família Varcona era mesquinha e miserável, apesar de muito

rica. Frequentemente, Mamãe Stradka ficava feliz em trazer os ossos e a pele de um peixe junto com as cascas de alguns legumes e verduras, com os quais fazia uma deliciosa sopa para as crianças. Há muito tempo que elas não tomavam leite, pois sua única cabra foi vendida quando não puderam comprar mais pão. Mas havia algumas palhas deixadas na casa e as crianças as colocaram sobre a mesa que tinham arrumado com quatro lugares: para Mamãe, para eles mesmos e para o Cristo Menino que, eles sabiam, viria cear com eles após os três dias de jejum, se eles colocassem um prato para Ele. As palhas eram o símbolo da sua pequena manjedoura, mas Vilma e Ignácio não sabiam disso. Sabiam somente que era costume colocar palha nas mesas de festa na época do Natal.

Eles olhavam para a mesa, e suas faces exprimiam profunda satisfação pela aparência dela. Os pratos de madeira estavam perfeitamente limpos, a travessa estava vazia esperando pelo que Mamãe pudesse trazer da mesa da família Varcona. Suas canequinhas não teriam nada, além de água ou um pouco de chá fraco e sem açúcar, se a cozinheira da grande casa não deixasse cair um pouco das folhas preciosas sobre a mesa. Quando isso acontecia, mamãe as juntava e amarrava-as no canto de seu turbante. Como o chá aquecia seus pequenos e frágeis estômagos!

As crianças viram que escurecia e olhavam para o céu para ver o brilho cintilante da estrela. Lá estava ela! Bem em cima da água! Como estava grande e brilhante nessa noite. Devia ter sido assim quando os Pastores deixaram suas ovelhas e a seguiram, chegando ao estábulo onde estava o menino recém-nascido.

Uma pequena figura surgiu na curva da estrada.

— Ela está chegando! Mamãe está chegando! gritaram e correram para colocar o galho maior no fogo.

Mamãe caminhava devagar e com muito custo ao longo da estrada cheia de neve, mas sua face paciente brilhou quando viu as crianças que a esperavam

na janela. Pobres crianças! Como gostaria de ter algo para oferecer a elas.

Como deviam estar famintas depois do jejum.

- Meu Deus! Meu Deus! disse, assim que pela porta baixa. Que fogo delicioso e como a mesa está bela e limpa. Deixem que eu tire o meu chale é depois esquentarei a comida e vocês não adivinharão, por isso vou contar-lhes. A cozinheira deu-me um pouco de café e um pouco de açúcar e algumas beterrabas. Dessa forma teremos café adoçado e beterrabas para quebrar o jejum durante esta santa noite!

Na face das crianças estampou-se a decepção, mas sua mãe fingiu não perceber tal desapontamento, encheu a panela de água para ferver as minúsculas beterrabas. Quando eles se sentaram, Mamãe colocou comida apenas três pratos, um para Cristo Menino, um para Vilma e um para Ignácio. Ela colocou só um pouco de café sem açúcar em sua caneca.

— Está muito bom, Mamãe, eles exclamaram depois da primeira mordida e certamente nada parecia mais delicioso após seu jejum. Você não quer, Mamãe?

— Oh, não, estou satisfeita. Comi com a cozinheira e como gostaria de lhes ter trazido minha parte!

— O que você comeu, mamãe? ele pergunta com a boca cheia.

Mamãe pensou rapidamente e disse mostrando entusiasmo:

— Rosca, queridos. Rosca bem recheada.

— Rosca, eles responderam e mastigaram suas beterrabas mais lentamente.

Como teria sido maravilhoso quebrar o jejum com uma rosca!

Mamãe tomou o último gole de seu café e levantou se para olhar o pinheirinho que as crianças tinham trazido da floresta.

— É muito bonito, ela disse, e do tamanho certo. Apesar de não termos presentes para pendurar nessa árvore, ter em casa uma dessas árvores no tempo de Natal é considerado sorte.

As crianças, raspando do prato à última beterraba, viram um garotinho entrar pela porta. Era um menino que aparentava ter a mesma idade de Ignácio.

Estava pobremente vestido e descalço. Mamãe virou-se e o viu também. Ela correu para ele, com um grito de pena.

— Oh, meu pobrezinho! Olhe seus pezinhos! Estão completamente congelados.

Ela puxou uma cadeira vazia.

— Sente-se aqui, enquanto eu os esfrego.

A criança olhou as beterrabas que tinham sido postas no prato do Cristo Menino. Mamãe notou o olhar faminto.

— Coma-as, disse. Elas foram reservadas para o Cristo Menino, mas Ele não se importará se uma criança faminta as comer.

— Sim, disse a criança, Ele gostaria que eu estivesse aquecido e alimentado.

Ele comeu as beterrabas e bebeu café, enquanto mamãe sentou-se no chão esfregando os pezinhos gelados do menino entre as dobras de sua saia de lã.

Ignácio ficou de pé ao lado da criança. Pensou que nunca tinha visto uns olhos tão brilhantes.

— Você fugiu do orfanato? – perguntou Ignácio.

— Não, respondeu o menino, mas eu conheço as crianças de lá.

— De onde é você e para onde vai? – perguntou Vilma.

— Vim de um lugar estranho e desconhecido e devo voltar para lá.

Seus olhos graves olharam gentilmente para ela.

— Oh, mas não essa noite. Mamãe, diga que ele deve passar a Véspera de Natal conosco. Está muito frio para uma criança sair lá fora.

— Eu devo passar a noite com muitos como vocês.

Ele levantou-se para partir.

— Ao menos leve os meus sapatos, insistiu Ignácio, trazendo-o de volta à cadeira.

— Você tem outros?

— Não, mas isso não importa. Posso amarrar meus pés com alguns trapos até que chegue o calor.

Suas mãos estavam ocupadas em desamarrar seus sapatos. A criança permitiu que Ignácio amarrasse seus sapatos em seus pés. E, apontando para a árvore vazia no canto da sala, disse:

— Antes de ir, posso lhes dizer como o pinheirinho se tornou uma árvore sagrada?

— Oh, sim. Por favor.

Eles aproximaram-se mais do menino e ele começou a falar. A voz da criança fluía como um líquido dourado, não alta, mas distinta. O pequeno fogo no fogão de repente explodiu em calor. De lá, exalava um perfume, como se alguma fragrância misteriosa queimasse nele, um aroma tranquilizante que permeava toda a sala. Um grilo cricrilou debaixo de um pilar, mas isto não perturbou a história. O fogo crepitava e iluminava vagamente a sala. Através da pequena janela, a imensa estrela de Natal podia ser vista.

— Há vinte séculos atrás, começou a criança, o bom inglês Wilfred, deixou sua casa na Inglaterra e, às Vésperas do Natal, procurou uma certa tribo de pagãos que sacrificavam vidas para uma árvore: “O Carvalho de sangue”. Debaixo desse Carvalho de Geismas ele encontrou esses pagãos que estavam para sacrificar o pequeno príncipe Asulf ao Deus Thor. Ousadamente, ele correu até eles e, após criticá-los pela sua crueldade, pegou um machado e cortou a árvore. Com seus braços ao redor do Príncipe, enfrentou a feroz tribo que estava decidida a matá-lo. De repente, no lugar onde o carvalho de sangue fora derrubado, apareceu um místico pinheirinho. Os homens da tribo ficaram atemorizados quando viram muitas e lindas bolas de luz entre os galhos do pinheirinho. Essas bolas tremulavam e brilhavam enquanto os pagãos fugiam tremendo diante desse milagre, cheios de medo. Aquela foi a última árvore de sangue com seus sacrifícios humanos e, desde então, o pinheirinho tem simbolizado o Natal e é por isso que está sempre verde — entra ano, sai ano. A cabeça da Mamãe estava inclinada. Ela levantou-a e olhou para seus filhos. Ignácio e Vilma estavam sentados, com a cabeça sobre os braços cruzados que se apoiavam na mesa, mas o estranho garotinho tinha ido embora.

O fogo também se apagara, mas a sala ainda conservava um calor delicioso e aquela fragrância sutil, que era tão doce. Mamãe levantou-se, aborrecida por ter dormido enquanto seu hóspede saía sem despedir-se.

— Oh, queridos. Como estou triste! O que ele deve ter pensado de nós, que dormimos enquanto ele falava. Será que ele realmente contou a história — talvez eu tenha sonhado! Venham, dorminhocos! Vocês dormiram enquanto nosso convidado foi embora.

Ela tirou as cobertas de suas caminhas preparando as para as crianças se deitarem. As crianças estavam bocejando. Olharam pela janela para a grande estrela que luzia na madrugada.

— Mas, mamãe! nós não podemos ir ainda para a cama, pois já é de madrugada e Jesus vai nascer.

Eles apontaram para a luz crescente na janela.

— Bem, é mesmo — que estranho! Mas, esta é a manhã abençoada do Natal. Feliz Natal, meus cordeirinhos, e que Cristo Menino cubra vocês de bênçãos... Nesse momento, uma luz suave começou a brilhar na árvore e muitas bolas de luz tremularam nos galhos do pinheirinho evanescendo-se quando as crianças, deslumbradas, dirigiam-se para elas.

— Igualzinho ao que aconteceu com o pinheirinho da história, suspirou Vilma, e sua mãe concordou.

Então, ela não havia sonhado! A criança realmente estivera lá e lhes contara a lenda. Ela dirigiu-se ao fogão para reacender o fogo. A estrela agora já deixara completamente os céus e a madrugada se tornou mais brilhante.

De repente, a porta se abriu novamente.

— *A criança, outra vez*, disse Ignácio, enquanto se dirigia à porta.

Entretanto, não foi a criança que entrou pela porta, mas um homem barbudo, com um pacote em seus ombros.

— *Que hora para visitas estranhas aparecerem*, pensou Ignácio.

— Você é o bom Papai-Noel? — começou a perguntar, mas foi interrompido por um grito de sua mãe.

— Querido! Ela dirigiu-se ao homem e abraçou-o longamente.

O pacote caiu no chão. Parecia ter transcorrido um longo tempo até que os dois se separaram; então, as crianças perplexas viram lágrimas de alegria no rosto de sua mãe.

— Crianças, vejam! Vocês não conhecem seu pai?

— Mas... papai está morto...

Eles se aproximaram do rosto barbudo procurando algum traço que os fizesse reconhecer seu pai. O homem levou a mulher e as crianças para perto do fogão.

— Eu estive como morto por muito tempo. Fiquei inconsciente numa praia estranha, fui carregado para um hospital e permaneci por longo tempo sem saber nada, nem mesmo meu nome. Vagarosamente, recuperei minhas forças, mas não minha memória. Trabalhei para os mineiros, em busca de ouro. Um dia, eu próprio encontrei uma grande pepita de ouro. Era de grande valor e eu a vendi por muito dinheiro. Mas isso não me tornou feliz, pois eu era ainda um homem sem passado. Algumas noites atrás, sonhei que uma bela criança com cabelos como o sol e olhos como joias, aproximou-se de meu leito. Ela me olhou e parecia que milhões de agulhas espetavam cada centímetro do meu corpo e uma grande canção ecoava em meus ouvidos. Por cima de todo este barulho, a criança estava dizendo para mim:

- “O pequeno Ignácio e sua irmã esperam por você”, e, de repente, eu acordei e lembrei meu nome, meu lar e todo o passado. Viajei dia e noite para encontrá-los neste dia sagrado. Só parei para comprar presentes. Apontou para o pacote caído no chão.

As crianças agora estavam nos braços de seu pai e o acariciavam com beijos e abraços, pois esse era o pai que morrera e que, pela graça de Deus, estava vivo.

Depois, o pacote foi aberto e ele continha doces, brinquedos, sapatos e casacos para as crianças e sua mãe. Ignácio, experimentando os sapatos,

lembrou-se que tinha dado seu único par ao menino e agora tinha dois pares novos e brilhantes.

Sua mãe chamou-o de lado, segurando sua pequena Bíblia. Ela não sabia ler, mas Ignácio sim, e ela sabia onde encontrar cada versículo. Deu a Bíblia à Ignácio.

— Leia aqui, ela disse, seu dedo apontando para um versículo.

Ignácio pegou a Bíblia e leu alto:

— E quem receber uma criança, receberá a Mim.

Mamãe e Ignácio entreolharam-se.

— Foi Cristo Menino que esteve aqui, eles sussurraram, com respeito.

.



QUANDO

Ola Sward

Num jardim chinês, ao Sol sonhando,
Crianças de olhos puxados sorrindo, brincando.
Lagos plácidos com pontes arqueadas,
Belas árvores, glicínias penduradas.
Brilhantes pagodes, um templo distante,
Ouve! Soa uma campainha suave e constante.
Nunca estes meus olhos mortais,
Pousaram em cenários tais.
Mas, nesse maravilhoso jardim,
Uma vez, eu sei que já estive nele, sim.

☆☆☆☆☆☆☆☆

UMA SEMANA NO REINO DAS FADAS

H. P. Nicholls

Estes episódios ocorreram durante uma semana de férias, na qual Henry e sua amiguinha Eleanor, brincavam diariamente nas coloridas estepes subtropicais ou terras montanhosas da ensolarada África do Sul.

Henry visitava constantemente O rancho de frutas cítricas, a casa de Eleanor, que era parte de uma extensa propriedade, cobrindo muitos milhares de acres de campos gramados, planícies e montanhas. Ele amava todas as criaturas que moravam lá e brincava com elas livremente entre os vales e as montanhas tão queridas. Ele sentia que todas essas variadas expressões da criação eram uma parte do seu próprio ser. O silêncio das estepes sem limites era vida para sua alma. Ele estava maravilhosamente vivo à vibração, às batidas do coração da natureza, à maravilha do azul do céu e do dourado do Sol. Vivendo aqui com a beleza da estepe diante dele, ele estava feliz e em harmonia com todas as coisas.

Com Eleanor, ele percorria os grandes prados. Frequentemente falavam de fadas, duendes, gnomos, náiades e sátiros. Algumas vezes, eles pensavam que viam sombras entre as árvores ou perto dos lagos. E, agora, uma experiência feliz estava para ser vivida por eles. Uma semana de íntimo contacto com os evanescentes Espíritos da Natureza, que se tornavam visíveis a eles, através do maravilhoso poder de seu amor por todas as coisas criadas.

PRIMEIRO EPISÓDIO

No coração da África do Sul fica a Rodésia, um agradável país, lar dos nativos Mashona e Matabele e de muitos colonizadores brancos, também. Favorecida por um clima excepcional, essa terra fértil atrai muitos que amam o brilho do Sol, o oceano de espaços abertos e uma vida livre. Aqui, nas enormes estepes, reina o silêncio ao entardecer e o Sol banha a Terra com seus raios gloriosos durante todo o ano.

Em um vale grande e espaçoso, através do qual corre um rio cravado nas profundezas da terra fértil, fica o lugar desses acontecimentos. O rancho estava localizado num solo ligeiramente inclinado; fileiras e fileiras de frutas cítricas, protegidas por altos eucaliptos, brilhavam num tom verde e dourado, carregados de deliciosos frutos. Largas rodovias atravessavam os pequenos bosques e os sulcos prateados das irrigações. Aqui e acolá pontilhavam as casas de tetos avermelhados, moradias daqueles que cuidavam das árvores e supervisionavam o trabalho, desde a época do florescimento até a colheita.

Como se estivesse olhando o cenário, sobre uma colina que era parte de uma muralha de montanhas protetoras, ficava a espaçosa casa do administrador. Existia na propriedade uma cabana redonda, que ficava separada, para acomodar os visitantes. Ela era fresca, confortável e estava localizada entre as árvores e as flores.

Henry, um poeta e um amante da Natureza, chegou ao rancho vindo de uma pequena cidade encrustada sob as amigáveis montanhas. Algumas vezes, ele cavalgava o seu pônei ou andava alguns quilômetros pelas estepes. Ele conhecia os animais que vagavam pelas planícies, os que moravam sob o solo, os macacos, as cobras, os jacarés, os antílopes e os ferozes leopardos. Os costumes dos nativos eram-lhe familiares. No caminho para a casa de sua amiga, ele cumprimentou um pastorzinho que estava sentado, nu, sob a sombra de um arbusto, tocando uma flauta enquanto passavam as horas até ao Pôr do Sol, quando ele devia conduzir o gado para casa.

Eleanor era uma garotinha alegre e despreocupada e seu lar ficava entre as montanhas e os vales. Ela amava a Natureza, falava com as abelhas e as lindas borboletas e sabia o nome de todos os passarinhos, flores e insetos. Ela adorava percorrer os bosques de citros e ir até o rio, aos desfiladeiros e às montanhas onde habitavam os coelhinhos e os macaquinhos marrons.

Era o primeiro dia da semana de férias. O céu estava azul e o Sol brilhava como um disco de ouro fundido. E, lá se foram Henry e Eleanor, junto com Pat,

um cachorrinho terrier Irlandês, através da estrada por onde passava o gado, depois de abrirem o grande portão que se fechou atrás deles. O caminho através os arbustos estavam cobertos de lindas flores vermelhas, de árvores de “mimosas”, com o perfume de suas flores brancas e amarelas, árvores resplandecentes com sua nova roupa de folhas verdes e havia violetas enfeitando o caminho. Aqui e acolá lindas magnólias, grandes e sólidas, permaneciam como sentinelas pacientes guardando os habitantes dos prados. O caminho ficava difícil à medida que se aproximavam dos blocos de rochas e das pedras cobertas de musgos.

Curvando-se, Eleanor e Henry passaram através de um arbusto de jasmim branco, cujos espinhos tentaram arranhá-los enquanto passavam. Abaixo deles, corria um riacho que brilhava à luz do Sol. O ar ressoava com o som das asas dos insetos e, nas profundezas de uma caverna escura, havia um morcego que entoava, de maneira monótona, “crac, crac, crac”. Pássaros chilreavam alegremente e um falcão voou bem alto sob um céu sem nuvens. Aqui estavam as duas crianças, quietamente receptivas, em sintonia com a paz dessa bela clareira silvestre, pois elas sabiam o valor do perfeito silêncio na estepe. Para ver os habitantes dos arbustos, deviam permanecer tão silenciosos como o pescador que se senta quieto e olha para o lago, alerta, mas sem se mexer. Pat, o cãozinho, dormia profundamente.

De repente, Eleanor sussurrou para seu companheiro:

— Olhe do outro lado do riacho! Há muitas formas pequenas movendo-se na grama e nos arbustos. O que são elas?

Henry olhou por sobre o riacho que serpenteava no meio da floresta de árvores e arbustos, rochas e pastos. Lá, bem diante de seus olhos, ele viu algo que mal pôde acreditar. Pulando de flor em flor e empoleiradas no topo das folhas estavam minúsculas figuras de duas a três polegadas de altura.

— Fadas! ele sussurrou a palavra, esperando não assustar aqueles vultos delicados.

Sim, eram fadas de verdade, os seres mais queridos, alegres, graciosos, voando vagorosamente com asas de raro esplendor. Elas saltavam de folha em folha, de flor em flor, subiam pelas folhas das samambaias, brincavam de esconde-esconde entre os caules das íris silvestres e permaneciam nas largas bandejas de lírios da água. Algumas eram opalinas, outras de delicada coloração rosa, azul claro, amarelas e todos os outros matizes possíveis, brilhando como as pétalas das flores ondulantes. Delicadas como as margaridas, flexíveis como um feixe de nuvens, estas fadas de faces felizes andavam para lá e para cá, por entre os arbustos. Miríades de criaturas parecidas com flores passavam, como uma nuvem ensolarada, em direção à terra mística, por entre as árvores.

Eleanor e Henry estavam cheios de felicidade. Vagorosamente, eles seguiram suas pequenas visitantes que se mostraram amigáveis e destemidas. Algumas montavam sobre as libélulas e abelhas, e as flores acenavam para elas enquanto passavam. Por todo o vale havia uma atmosfera de quietude e regozijo. Pouco a pouco, o grupo das fadas flutuantes moveu-se para dentro da floresta densa e, como um bando de abelhas, dispersou-se desaparecendo da vista.

Eleanor olhou para Henry, seus olhos ainda arregalados com a surpresa maravilhosa!

— Oh, eu sabia que algum dia eu as veria. Sentia que elas estavam por perto e estava certa. Agora, eu as vi e estou feliz.

SEGUNDO EPISÓDIO

A manhã seguinte foi gloriosamente radiante. Realmente, a primavera lá estava em seu tenro desabrochar. Durante a noite havia caído uma chuva suave e o Sol, que levantava, brilhava nos pingos da chuva, que pareciam pérolas luminosas nas folhas e nas flores. No ar fresco sentia-se o aroma dos pinheiros. A brisa gentil brincava no topo das arvores e entre os arbustos, fazendo com que as flores dançassem um minueto ao som do assobio do bambu emplumado. Brilhante e serena era essa manhã, o começo de um outro dia.

Eleanor e Henry passeavam vagorosamente em direção às colinas. Quietos, seguiam seu caminho. Nada escapara à observação de ambos e cada visão e cada som davam-lhes muito prazer. O caminho ladeava a colina, onde enormes monolitos áridos estavam à mostra. Velhas arvores retorcidas mostravam sinal de conflito com os elementos. Silenciosas e fortes, elas abrigavam os pássaros, as abelhas e davam sua sombra a todos que as procurassem. Brotinhos de árvores projetavam-se e tudo era vida no ar primaveril. Arbustos e trepadeiras faziam um emaranhado de pequenas plantas de um verde relaxante. Cada passo revelava uma nova beleza, algumas novas visões entre as árvores e algumas fugas precipitadas revelavam um habitante da floresta que fugia assustado pelos passos de pés desconhecidos.

Um toque rápido de Eleanor chamou a atenção de Henry.

— Olhe! ela sussurrou, Oh! Olhe!

A direita, apoiadas em arbustos próximos de seu rosto, estavam três das fadas mais encantadoras que já imaginara. Levemente, uma delas subiu em seu braço, outra no seu colo e outra em seu ombro. Pouco a pouco, essas lindas formas surgiram de todas as direções — criaturas minúsculas e coloridas, com vestimentas que pareciam as mais delicadas pétalas de flores. Todas tinham forma feminina, com minúsculas faces graciosas, algumas pálidas, outras cor

de oliva, outras âmbar, outras rosadas. Todas eram esbeltas e delicadamente proporcionais, excêntricas, de todas as cores conhecidas, exceto púrpura escura, marrom e preta. Algumas eram transparentes e multicoloridas, outras azul claro, amarelo claro, branco, verde, rosa. Lá estavam umas prateadas e douradas. Outras brilhavam como pérolas e suas asas radiantes pareciam joias entre a grama. Seus cabelos eram delicadamente ondulados e em seus pés havia minúsculas sandálias amarradas por tiras cruzadas. Algumas não tinham calçados. A maior parte delas usava chapéus feitos de flores que pareciam sinos. Todas tinham asas que ficavam dobradas às suas costas.

Elas pareciam deslizar, voar, flutuar em qualquer direção, como colibris. De início, pareciam estar cheias de timidez, mas, após avançarem, recuarem e aproximarem-se novamente, elas finalmente tornavam-se muito afetuosas. Quando Eleanor e Henry moviam-se ou gentilmente andavam pelo local, as fadas não se assustavam, mas, a qualquer barulho mais alto, elas voltavam rapidamente para os arbustos e desapareciam. Muitas voavam muito alto, até ao topo das árvores. Elas pareciam tocar cada flor, cada grama e cada samambaia. Era bem evidente que não estavam num jogo ocioso, pois notava-se que elas davam uma atenção gentil a todos os seres que cresciam. Elas andavam por todos os arbustos e os visitavam do mesmo modo que as abelhas visitam as flores e parecia que realizavam algum trabalho específico. Eleanor disse que as fadas que se aproximavam dela tinham um delicado aroma. Não tinham medo do Pat, que abanava seu rabinho e que se movia entre elas, como se ele também tivesse consciência da presença delas.

Agora, o Sol começava a brilhar através do topo das árvores, projetando grande sombra através da clareira. A aproximação do gado vindo dos altos montes era anunciada pelo som de gravetos que se quebravam. Os pastores estavam colhendo galhos para suas fogueiras. Pouco a pouco, as fadas esconderam-se nos arbustos até que, dos milhares que Eleanor e Henry viram, nenhuma permaneceu. Eles estavam encantados com essa maravilhosa

experiência que o dia lhes trouxera e com ela tiveram a firme convicção de que a hoste das fadas estava em todos os lugares.

TERCEIRO EPISÓDIO

Após o café da manhã, no dia seguinte, Eleonor e Henry, com Pat e Wasp, um outro cachorrinho de nariz pontudo, iniciaram sua excursão pelo rancho vizinho, que também fazia parte da propriedade.

O gentil administrador holandês e sua esposa deram as boas-vindas aos visitantes. Eles apreciaram a refeição, especialmente feita para eles, na sala de jantar, de onde se avistavam as plácidas montanhas. O Sol brilhante, à pino, espalhava-se sobre a Terra, a brisa soprava suavemente nas altas árvores, na quietude própria de todos os países tropicais a essa hora do dia; os rebanhos dormiam e os lavradores cochilavam sob as árvores. Toda Natureza parecia repousar.

Henry e Eleanor com Pat e Wasp, dirigiram-se às montanhas. Subindo-as por entre o emaranhado de árvores, eles chegaram a um espaço semicircular, uma planície em miniatura e que tinha por detrás uma imensa rocha.

Henry viu a primeira fada aparecer. Parecia surgir do nada — um espírito delicado, cor de rubi, equilibrando-se na borda de uma folhinha de grama. Pouco a pouco, todo o lugar estava apinhado com a multidão de fadas. Elas se aproximaram de Eleanor e pareciam felizes por estar perto dela. Eram milhares de fadas voando pelo ar, pulando por todas as folhas e botões, emergindo da grama e do musgo que cobriam o solo. O ar estava impregnado de uma fragrância delicada e vibrando com o prazer da vida. Pela primeira vez, Eleanor e Henry perceberam que as fadas trabalhavam em grupos, e cada grupo consistia em um bando de minúsculas criaturas de cores diferentes. Todas pareciam dedicadas a uma tarefa definida, embora trabalhassem sem pressa ou alvoroço. Parecia que tomavam conta de todas as folhas e flores, sem deixar escapar qualquer uma delas. Elas pareciam ser muito felizes e

brincavam umas com as outras. Muitas delas pousavam sobre Eleanor e pulavam da sua cabeça para seus ombros e por todo o seu corpo, sem temor. Se ela se movesse, as fadas desapareciam e só retornavam quando o movimento parasse. Com grande alegria, Eleanor e Henry olhavam esse maravilhoso exército marchar através da planície iluminada pelo Sol. Cintilantes, iridescentes, da cor do arco-íris, vestidas em roupas diáfnas de delicada textura como a de uma tela de aranha, excêntricas na forma e suavemente graciosas no semblante, estes seres maravilhosos percorriam as montanhas, escalando-as, até sumirem de vista.

Naquela noite, sob o luar, outra visão maravilhosa apresentou-se a Eleanor e Henry. Depois do jantar, eles deram uma escapadinha ao jardim. Após uma volta, eles chegaram a um lago muito agradável que ficava entre os eucaliptos. Ao lado, havia um banco confortável. Era uma noite gloriosa. A Lua brilhava clara e iluminada. Havia no ar uma exótica fragrância de flores. A quietude da mística noite africana os circundava, uma quietude tornada mais sentida pelos sons intermitentes que se ouviam, o ruído penetrante dos insetos e as batidas monótonas dos tambores na aldeia. Algumas vezes, trazidos pelo vento, chegava até eles o som da cadência de uma canção nativa. Ainda assim, interpenetrando tudo, havia um silêncio intenso.

Comentando tranquilamente os acontecimentos do dia, Eleanor e Henry estavam a ponto de retirar-se, quando Eleanor disse:

— Olhe debaixo da figueira! Há alguma coisa se movendo lá. Não é um animal porque está de pé. Oh! é um duende.

E lá estava ele! Mais dois apareceram, daí muitos outros foram vistos movimentando-se sob as folhas do canteiro de violetas; logo, todo o jardim parecia vivo. Diante dos olhos encantados de Eleanor e Henry, um pequeno duende marronzinho, igual aos das histórias de ficção, passeava pelo jardim iluminado pela Lua, próximo à figueira. Aí, mais dois se juntaram a ele. Aparentemente estavam entretidos a examinar a grama e movimentavam-se

entre as folhas de várias plantas. Tinham alguns centímetros de altura. Um usava um boné. O outro estava de cabeça descoberta. Suas asas eram grandes e envelhecidas: eles tinham rostos enrugados, corpos cheios, braços muito longos e pernas curtas. Alguns usavam sapatos tipo mocassim, outros estavam descalços. Os duendes não estavam com medo dos nossos dois amiguinhos e foram até eles, até ao banco em que estavam sentados. Por todos os lados, na densidade das sombras, eles podiam ser vistos, curvados sobre alguma tarefa entre as folhas das plantas. Esses pequenos seres solenes paravam de trabalhar de vez em quando e comunicavam-se uns com os outros. Eleanor queria permanecer no jardim e olhar os duendes, mas já era muito tarde. À neblina estava intensa e, assim sendo, ela disse boa noite e correu para dentro. Henry continuou a olhar os homenzinhos marrons enquanto eles se moviam sem fazer barulho entre as folhas. Uma lebre surgiu, deu um pulo, ficou sentada em silêncio por um momento e depois foi embora. Uma coruja apupou de uma árvore próxima. Os pequenos duendes se moviam por todas as folhagens que estavam no solo. Henry tentou ver exatamente o que faziam, mas não pôde discernir a natureza do trabalho que estavam fazendo. Cansado dos esforços do dia, retornou à cabana e logo dormiu.

De repente, Henry acordou e olhou o relógio. Eram três horas. Colocou um agasalho grosso e saiu. Teve uma nova surpresa. Em filas de três, estavam muitos companheiros dos duendes. Eles pareciam estar bem à vontade no jardim e Henry presumiu que trabalhavam continuamente em uma determinada área. Notou um fato: os objetos sólidos como os troncos das árvores, paredes e rochas não ofereciam qualquer obstáculo para esses pequeninos seres marrons, já que andavam através deles.

De repente, começaram a marchar, de três em três. Evidentemente tinham terminado seu trabalho por essa noite. Seus movimentos pareciam ordenados à medida que, silenciosamente, desapareciam entre as trevas profundas.

Voltando a casa, Henry dormiu profundamente, a despeito dos acontecimentos extraordinários que presenciou.

QUARTO EPISÓDIO

Quinta-feira à tarde, Eleanor e Henry dirigiram-se até um ponto bem distante da propriedade. Era uma área preferida deles por causa de uma extensa planície coberta de relva, na qual sempre viam antílopes pastando pacificamente. A grama era sempre verde nesse local particular por causa da infiltração da água, proveniente de um desfiladeiro nas montanhas. Não havia nenhuma corrente de água visível nesse lindo lugar coberto de árvores, tudo indicava que a água fluía sob o solo, espalhava-se pela terra e suavemente descia em direção ao rio.

Junto ao vale havia uma densa floresta, quase escura em razão das miríades de árvores enfeitadas com trepadeiras, cipós, musgos, orquídeas e várias espécies de parasitas. Entrando na floresta por um caminho estreito e sinuoso, eles vagorosamente dirigiram-se para o oeste.

Aqui reinava um silêncio característico, exceto pelo barulho de um pássaro na árvore, o pisar de um animal correndo pelo mato, o toc-toc de um pica-pau, o zumbido das abelhas e o bater de asas dos insetos. Era realmente um labirinto, uma floresta primitiva.

De repente, Eleanor avistou algumas grandes samambaias e, sabendo que perto delas poderia haver água, nossos amiguinhos saíram para explorar essa área. Logo foram recompensados pela vista de um pequeno clarão na floresta. À frente deles havia uma pequena colina e em sua base um grande lago vindo de uma cachoeira que escorria dessa pequena colina. A água do lago era marrom e estavam refletidas em sua superfície, as sombras das grandes árvores que se elevavam sobre as crianças. Mais no final do lago, havia uma grande quantidade de papiros, bambus e juncos, sobressaindo nesse conjunto uma área brilhante de plantas aquáticas e lírios. Aqui a vida era abundante,

visível e invisível, vida que pulsava ao redor desse lindo e silencioso lago que placidamente parecia tudo dirigir.

Eleanor e Henry descansaram, escolhendo um local através do qual pudessem ver os diversos efeitos do pôr-do-sol. A beleza do lugar os tocava. A música suave do vento nas árvores, o aroma da floresta, O zumbido de milhares de insetos, o coaxar dos sapos, faziam desse lugar um belo refúgio de paz e beleza. Logo Eleanor foi surpreendida pela aparição de uma forma, algo transparente e semelhante a uma nuvem, que passava por entre as sombras escuras das árvores e se dirigia para a luz do Sol. Apareceram muitas dessas sombras, muito distantes para propiciar uma descrição precisa. Muitas delas se aproximaram e tanto Henry como Eleanor as contemplaram maravilhados.

Por entre as árvores apareceu, dirigindo-se ao lago, uma linda senhorita, uma garotinha com um rosto feliz, radiante, sorrindo serenamente, perfeita em graça e proporção. Tinha longos e esvoaçantes cabelos claros, que eram penteados para trás em ondulante caimento. Vestida numa diáfana vestimenta de luz, de um tecido vaporoso que mudava de cor quando o Sol o atingia, essa adorável e delicada criatura parou e pousou sua mão sobre o tronco de uma árvore. Ela tinha aproximadamente quatro pés de altura e era ágil como uma corça. Logo a ela juntaram-se outras quatro, algumas de pele escura, outras coroadas com cabelos castanhos. Elas atravessaram o lago em vários pontos, encontrando-se do outro lado, e pareciam estar conversando.

Então, muitas outras apareceram: todas usavam o que parecia serem joias faiscantes e carregavam uma flor ou um buquê de folhas. Elas aparentemente tinham uma missão, visitavam cada árvore, conversavam com ela, colocando graciosamente as mãos sobre os troncos retorcidos, depois voavam pelos galhos e moviam-se por entre as folhas. Era uma visão gloriosa, parecida com uma hoste angelical. Elas flutuavam em todas as direções, preciosos seres eterizados na forma mais suave. Certamente comunicavam-se entre si, embora não se ouvissem vozes.

O Sol já se punha, derramando seus raios através da obscura e silenciosa floresta. Cintilando entre as árvores, as ninfas da floresta flutuavam. Eleanor e Henry retiraram-se silenciosamente pois não queriam permanecer no vale após o pôr-do-sol. Vagarosamente, tomaram o caminho de casa e chegaram à beira da floresta que dava direto nas montanhas, como se alguém tivesse delineado o caminho com mão de mestre. Cuidadosamente, como agem todos os caçadores e exploradores, eles se dirigiram para a clareira. A planície estava agora inundada com os raios do Sol que se punha, as montanhas à distância tomavam uma coloração azul brumosa, indefinida e mística. Henry observou que muitos antílopes se alimentavam quietamente. Correndo rapidamente em direção às montanhas, na beira da floresta, havia uma porção de formas marrons, muito eretas para serem bugios, mas muito semelhantes à seres humanos.

Henry ouviu uma risada rouca e colocando-se atrás de Eleanor, a quem havia avisado que não se movesse, ele esperou. Havia certamente alguma coisa se aproximando, talvez algum antílope ou cães selvagens correndo pela beira da floresta. Não eram antílopes, bugios e nem cães. Diante dos olhos atônitos de Henry e Eleanor apareceu um sátiro, correndo depressa, seguido de muitos outros. Passaram tão próximos que as suas feições puderam ser observadas detalhadamente. Eles tinham faces saturninas, pele escura, com olhos fundos, ovais, sobrancelhas grossas, testa estreita, dois pequenos chifres projetados para cima, saindo da testa, longas orelhas pontiagudas, boca grande, barbas de bode, corpos cobertos de pelos, braços e mãos fortes. Do meio para baixo, seus corpos assemelhavam-se aos do bode, com pernas e cascos. Uma cauda curta e forte completava sua anatomia.

Eles estavam tão próximos que sua risada e tagarelice eram plenamente audíveis. Corriam depressa, uns vinte deles, seguidos por outros vinte ou mais. Estavam evidentemente realizando algum empreendimento. Eleanor e Henry os seguiram assim que o último passou.

Rapidamente, virando por uma abertura que havia entre as árvores, os sátiros desapareceram. Henry seguiu-os e viu que estavam todos juntos numa clareira. Um deles era mais alto do que o resto e permanecia à parte, falando em uma língua estranha. Todos estavam gesticulando evidentemente muito entretidos. De repente, o líder levantou um braço e todo o grupo desapareceu entre as árvores. Eleanor, escondida atrás de uma grande árvore, viu todos eles passarem.

O Sol já se escondia no horizonte. Nossos amigos correram pelo pasto aberto em direção à estrada que atravessava os bosques. Eleanor disse que não ficou surpresa ao ver os sátiros, já que, muitas vezes, percebera figuras marrons correndo pelos arbustos, ao pôr-do-sol.

Excitados com o que tinham visto, Eleanor e Henry chegaram em segurança à casa, enquanto o místico crepúsculo se aprofundava na noite.

QUINTO EPISÓDIO

Havia um lugar que Eleanor e Henry estavam ansiosos por visitar: era o rio, sempre uma fonte de prazer. Eles passavam muitas horas agradáveis nas proximidades do profundo canal que atravessava a propriedade. Como muitos outros rios sul-africanos, este rio era barulhento e turbulento; na estação chuvosa, as tempestades jogavam suas águas nos cumes das montanhas e essas desciam pelos córregos até encontrar um rio maior que as levasse serenamente para o oceano distante. Nessa ocasião, nossos amiguinhos o acharam calmo e benévolo; algumas vezes, o rio parecia sumir em um trecho, sob o solo, mas aparecia novamente e continuava seu longo curso descendente.

Eleanor e Henry dirigiram-se a uma ponte suspensa, tecida como uma teia de aranha sobre uma enorme fissura, que parecia ter sido cavada na estepe africana durante séculos pelas águas do riacho. Logo abaixo da ponte havia

alguns lindos lagos fundos, alimentados por uma forte catarata que cintilava ao Sol.

Do lado oposto a esses lagos cresceram arbustos densos de intenso verde e, balançando na brisa sobre as águas, oscilavam ninhos de passarinhos que pareciam cestinhas.

Eleanor e Henry passeavam pela margem do rio explorando o sinuoso canal. Lá no alto, nos arbustos, as ruínas feitas pelas águas das enchentes mostravam até onde chegaram as águas das tempestades em dias passados. Sob as árvores e arbustos, o chão era um tapete de grama macia de samambaias.

Voltando ao lago maior, Eleanor e Henry deitaram-se na terra quente, debaixo da sombra das árvores amigas. Em poucos minutos, eles estavam cercados por um exército incontável de encantadoras fadas. Ao mesmo tempo, uma manifestação diferente de vida apareceu à margem do lago, entre os bambus e sobre as folhas dos lírios d'água. Aqui havia milhões de formas brilhantes, muito parecidas com as fadas, mas sem asas. Criaturas prateadas de rara beleza flutuavam sobre as águas e elevavam-se no ar, por toda a parte, como flocos de neve, com a diferença que essas adoráveis criaturas, humanas na aparência, dançavam para cima, formando uma perpétua e flutuante multidão. Emergiam das águas e imediatamente dissipavam-se nela e depois retornavam à superfície.

Essas vivazes criaturinhas brincavam entre os bambus e arbustos que circundavam o lago. Algumas delas flutuavam no ar em direção aos arbustos próximos, mas nenhuma se distanciava muito do seu elemento natural. Todas eram prateadas, com cabelos escuros ondulados, pele macia e muito graciosas. Apesar de sua aparência etérea e formas aparentemente delicadas, esses seres prateados eram muito reais e formavam uma nuvem que pairava sobre as águas escuras e silenciosas do lago. Os espíritos e os peixes misturavam-se no fundo e próximos à superfície, brincando juntos, entrando e saindo do

labirinto formado pela vegetação, pelos bambus, plantas aquáticas, raízes das árvores e outros tipos de plantas.

A forma escura dos peixes e o tom prateado dos duendes, à medida que brincavam na água, formavam uma cena inesquecível.

Após permanecerem encantados por algum tempo, olhando as travessuras das fadas e as formas enrugadas dos duendes prateados, Eleanor e Henry dirigiram-se a um lago menor, sobre o qual havia caído uma imensa árvore formando uma ponte rudimentar. A árvore ainda estava viva, apesar de estar caída lá há muitos anos. Ajoelhando-se entre as folhas e os galhos desse gigante caído, nossos amiguinhos observaram os milhares de espíritos das águas que também podiam ser encontrados lá. Eles eram de cor prateada, exatamente como os demais, na forma e no comportamento.

Algumas vezes, com grande júbilo, um bando desses espíritos se dava as mãos, flutuavam para cima e para baixo na água e formavam um círculo ou uma letra S ou uma volta ou um triângulo; outras vezes, um deles parecia guiar os outros para dentro e para fora dos bambuzais. Do lugar onde estavam, Eleanor e Henry ficaram observando as travessuras dos espíritos.

Após algum tempo, os pombos começaram a arrulhar sua delicada serenata do entardecer e os pombinhos rapidamente voaram em direção às montanhas.

Uma enorme gralha branca sacudiu suas asas em direção a novos pastos, o Sol enfeitou o topo das árvores com sua luz dourada e derramou sua glória sobre tudo e sobre todos.

Mais uma vez, nossos amantes da Natureza viram as fadas desaparecerem e os espíritos das águas afundarem-se calmamente nos lagos. Vagarosamente, eles se dirigiram ao pomar das frutas cítricas e à horta. O chinês que cuidava dessa área tinha voltado à sua cabana e deixado filas e filas de valas prontas para receberem sementes ou mudas pela manhã. De repente, umas formas sombrias se levantaram, moveram-se entre as folhagens dos grandes canteiros de

verduras e novamente nossos amigos viram um exército de pequenos duendes ministrando, com devotado amor, alguns produtos na terra.

O lugar estava quieto, pois os trabalhadores já haviam se retirado para os seus lares. Estava escuro quando Eleanor e Henry alcançaram a casa.

SEXTO EPISÓDIO

Sábado era o último dia dessas férias. No dia seguinte, Eleanor devia voltar para a escola e Henry tinha que retornar às suas atividades. Eleanor e Henry decidiram ir a um promontório favorito, iluminado pelo Sol, na colina.

O Sol estava agora entre o topo das árvores e logo iluminaria a clareira com seus raios dourados, quando mergulhasse para descansar. Aqui era um verdadeiro paraíso, um refúgio natural de paz e silêncio. Eleanor e Henry sentaram-se ao norte da clareira, debaixo de uma enorme rocha que parecia uma sentinela e que estava sobre uma outra rocha plana, semelhante a um altar acima do solo. Era um trono confortável. Decidiram ficar naquele local maravilhoso e aproveitar a vista que descortinavam, à medida que o Sol se punha por detrás do místico horizonte. Logo um barulho diferente perturbou seu devaneio. Nunca ouviram a voz de um sapo naquela clareira, mas agora parecia haver muitas vozes cantando numa sequência rítmica. Havia no ar uma grande calma; tudo parecia sossegado e misteriosamente parado.

Novamente os sapos coaxaram em uníssono e uma araponga juntou-se a eles: “clang, clang, clang!”

Eleanor disse a Henry:

— Até as árvores estão quietas e não há qualquer murmúrio dos insetos, mas acho que estou ouvindo um som fraco à distância.

Do lado oposto de onde estavam sentados, surgiu um relâmpago de cor brilhante e, voando e flutuando em direção a eles, havia milhares de fadas de todas as cores imaginárias. De todos os lados surgiram essas fadas viventes,

umas carregando sinos de cores diferentes, outras uma pequena folha, outras uma minúscula pétala de seda. Elas voavam para o leste e fixavam-se em grupos, pois estavam evidentemente lá embaixo entre os arbustos, aguardando algum acontecimento. Então, do oeste surgiu uma multidão de adoráveis fadas douradas, milhares delas, seguidas de muitas outras de cor prateada. Elas enfileiraram-se em frente umas das outras e sentaram-se sobre a grama e as samambaias. Formaram um semicírculo proporcionando uma visão repleta de cores. Todas eram alegres, pequenas criaturas de faces felizes. Muitas outras chegaram alegremente vestidas nas cores do arco-íris. Aí, surgiu um bando de libélulas vermelho brilhante, e um exército de cigarras pousou nas árvores. O Sol cintilava em suas asas, trazendo ao conjunto uma glória de opalino esplendor.

Agora dos espessos arbustos de cada lado, grupo após grupo de pequenos duendes marchavam séria e tranquilamente. Formavam um outro semicírculo em frente das fadas, deixando um espaço central aberto como um palco. Uma rocha baixa localizava-se perto do final do arco formado pelas fadas e, do lado oposto, havia um tronco de árvore caído. Os sapos pararam de coaxar, mas a araponga, com três outras que se juntaram a ela, cantavam ainda mais forte. Todas as fadas tocavam os seus sinos de pétalas de flores e acenavam o emblema que carregavam. Os duendes batiam palmas.

Em frente a um grupo de fadas cor-de-rosa apareceu uma delicada fada carregando um cetro dourado. Sobre sua cabeça havia uma coroa de joias e ela estava radiante. Ela era a Rainha. Ela subiu na rocha, circundada por suas ajudantes. Uma outra figura graciosa e repleta de Joias apareceu em cena, montada sobre um grande besouro marrom. Esta gloriosa criatura subiu ao tronco da árvore caída e, por alguns minutos, tudo permaneceu quieto. Alguns retardatários chegaram e tomaram seus lugares. Continuaram a bater palmas, tocar os sinos e a acenar.

Foi esta a cena que Eleanor e Henry viram: um espaço circular, coberto de relva, em redor do qual estavam agrupadas, de ponta a ponta, milhares de figuras multicoloridas. As fadas estavam agrupadas em forma de Lua crescente e numa das extremidades ficava a Rainha, circundada por seus guarda-costas. Seu Regente se equilibrava no lado oposto do crescente, sobre a árvore caída ao chão. Do outro lado do círculo estavam os duendes, pequenos seres de ar circunspecto, alguns sentados, outros de pé nos galhos das árvores e sobre as rochas e as pedras. Estavam também agrupados em forma de Lua Crescente e juntavam-se às fadas formando um círculo em volta do espaço aberto. Sobre as árvores cintilavam libélulas, as cigarras trinavam incessantemente, as aranhas produziam um ruído estridente.

Agora, a Fada Rainha flutuava no ar mantendo erguido o seu cetro. Tudo estava quieto e parecia que a Rainha falava pois, de vez em quando, havia uma explosão de mãos acenando e tocando os sinos. A Rainha desceu ao seu trono coberto de líquens. Dentro do círculo flutuavam dois grupos de mais ou menos cem fadas douradas e prateadas. Agrupavam-se rapidamente em forma de uma estrela de cinco pontas e depois levantavam-se simultaneamente e executavam algumas graciosas evoluções no ar. Então, quatro turmas de duendes marcharam em direção à arena. Formaram figuras deliciosas, rapidamente e com muita graça. Corriam e brincavam de pula sela e faziam demonstrações de suas habilidades fazendo evoluções rápidas.

Depois, veio outro batalhão de fadas de cores diferentes e formaram um arco-íris vivo que ia de um lado para o outro da arena. Debaixo deste lindo arco vivo, outras fadas formavam um sino animado que pendia para baixo e o balançavam em harmonia com os minúsculos sininhos que tocavam. Um passarinho voou até o centro do anel, seguido de mais quatro. Eram pássaros pretos com lustrosas asas vermelhas. Minúsculas fadas estavam montadas sobre suas cabeças e os passarinhos faziam uma exibição de voo, realmente muito bonito. Os raios do Sol poente iluminavam toda a clareira

acrescentando mais beleza ao cenário. O espetáculo era representado com rapidez e entusiasmo. Aqueles que tomavam parte nele pareciam estar sob uma espécie de comando, apesar de não haver nenhum mestre de cerimônias.

Depois, uma série de exercícios foram desenvolvidos pelos duendes, que cavalgavam em pequenos animais parecidos com esquilos e faziam todo o tipo de travessuras divertidas. Outros marchavam de forma simétrica. Enquanto o Sol lentamente se escondia, todo o exército de fadas, juntamente com os duendes, formava um único conjunto. Os duendes agrupavam-se em três estrelas, sendo que a maior delas estava no centro. Acima de cada uma delas, as fadas formavam um desenho parecido com a folha de um trevo. Depois de manter esses desenhos por algum tempo, voltavam à sua posição original. Novamente a Rainha levantou-se com seu gesto majestoso e saiu da clareira, seguida de perto por seu Regente e suas ajudantes.

Quando as fadas e os duendes partiram, Eleanor e Henry olharam ao redor e viram vagas formas de ninfas sob as árvores. Atrás delas estavam as formas escuras dos sátiros que evidentemente haviam sido espectadores interessados.

O Sol estava se pondo agora, bem perto da clareira e, gradualmente, os duendes foram para debaixo das árvores e as fadas flutuaram e desapareceram entre árvores da floresta. Os sapos estavam quietos, as libélulas, as cigarras e os passarinhos foram embora, os insetos cantaram sua canção do entardecer, uma brisa sussurrava entre as árvores e as longas sombras se espalharam escurecendo a floresta.

Eleanor e Henry, extremamente felizes com o espetáculo e tudo o que viram, dirigiram-se vagarosamente para casa. Pat e Wasp pulavam pelo vale diante deles, inspecionando todos os lugares.

Terminaram as férias. Eleanor e Henry decidiram não contar para ninguém sobre suas fantásticas experiências. O vale, as colinas, as montanhas, as correntes de águas prateadas tinham um novo significado para eles. Além dos

diversos fenômenos da Natureza, tão conhecidos deles, haviam descoberto também aqueles maravilhosos habitantes das florestas. Tentaram descobrir a razão para esta manifestação que os afetou profundamente. Muitas vezes, andando juntos pelos prados, haviam sentido uma indescritível sensação de vida invisível em torno deles, da presença da beleza e da alegria. Nem haviam comentado um com o outro a respeito desse sentimento intuitivo. Agora, eles desejavam saber porque não tinham visto antes esse fenômeno. Estes amantes da Natureza foram sempre imbuídos de amor, alegria, simpatia e harmonia para com cada fase da Natureza, e em abrenhavam-se nos campos para ver e desfrutar o maravilhoso panorama da vida, sempre em mutação.

Esta série maravilhosa de manifestações, talvez fosse devido ao fato de Eleanor estar na idade em que as crianças têm capacidade de contactar o mundo dos Espíritos da Natureza. Esse reino é indefinível em muitos aspectos, mas é, sem dúvida, uma realidade e aquele que possui essa “dádiva” é projetado, na maioria das vezes, em um mundo de seres invisíveis. O companheiro de Eleanor, entrando nessa paz e silêncio mágico das florestas juntamente com ela, pôde compartilhar dessas belas manifestações, nessas experiências verídicas, como foram aqui relatadas.

Quando Eleanor e Henry chegaram à casa, tentaram lembrar-se dos contos das fadas, espíritos, gnomos, elfos, ninfas das florestas, sátiros e constataram que aquilo que viram era exatamente o que haviam lido e que os deixou maravilhados. Sabiam que eram privilegiados por terem visto os aspectos de um mundo, em geral, invisível. Um mundo de formas espirituais tão real e tangível à visão etérica, como as flores e os botões da Terra são maravilhosos à visão física, um mundo de vida cheio de graça e de extrema beleza.



PARA UMA AVELEIRA

Grace S. Gaudy

Pequenos botões de avelã,
todos em fila formados,
de cabeça para baixo,
vocês crescem tão gozados.

Parece que vocês são,
como velas de verdade,
que servem para dizer,
no bolo de aniversário, a idade.

E um dia, no outono,
quando as maçãs maduras estão,
Os gansos voam para o sul,
e as folhas caem no chão.

Todos nós nos reuniremos,
e você terá certamente
um monte de avelãs de presente.
É o que na aveleira veremos.



AS CHAVES DO CÉU

Manfred kyber

Era uma vez um rei muito poderoso, que governava muitas terras. Todos os tesouros da terra eram dele e todos os dias ele brincava com pedras preciosas de Ofir¹ e com rosas de Damasco, como se elas fossem ninharias. Todavia, com toda sua riqueza, ele não tinha uma coisa: “As Chaves dos Portões do Céu”.

Ele havia enviado milhares de mensageiros pelo mundo a fim de descobrir as Chaves do Céu, mas ninguém foi capaz de trazê-las. A todos os sábios que vinham à sua corte, ele perguntava onde as Chaves do Céu poderiam ser encontradas, mas ninguém sabia a resposta.

Um deles, um homem que veio da Índia, com olhos estranhos, sorrindo, colocou de lado as pedras preciosas de Ofir e as rosas de Damasco com as quais o rei estava prestes a brincar, e disse-lhe que todos os tesouros da Terra poderiam ser possuídos como um presente, mas, as Chaves do Céu, cada um deveria encontrar por si mesmo.

Então, o rei decidiu encontrar as Chaves do Céu, custasse o que custasse. Esta era uma época em que a humanidade era capaz de ver o lugar onde o céu se encontrava com a Terra e todos conheciam a alta montanha, no cume da qual tinham sido construídos os portões do céu. O rei ordenou que seus cortesãos permanecessem em casa e começou a subir a íngreme montanha, até que alcançou os portões do céu. Diante dos portões, cujas muralhas estavam inundadas pelo brilho do Sol, permanecia o Anjo Gabriel, o guardião do eterno jardim de Deus.

¹ N.T.: Ouro de Ofir era um tipo de ouro da mais alta qualidade, que podia ser encontrada em uma região chamada Ofir. Esse ouro era muito puro e muito raro. Por isso, o ouro de Ofir se tornou símbolo de raridade e preciosidade.

— Ser glorioso, disse o rei, todos os tesouros da Terra são meus. Muitas são as terras que têm que me pagar impostos e eu me divirto brincando com as pedras preciosas de Ofir e com as rosas de Damasco. Porém, não me sentirei feliz até que tenha comigo as Chaves do Céu. Se não for assim, como esses portões poderão se abrir para mim, algum dia?

— Isso é bem verdade, disse o Anjo Gabriel, sem as Chaves do Céu você nunca abrirá seus portões, mesmo que possua todas as artes e tesouros da Terra! Mas, tantas são as Chaves do Céu! Elas podem ser encontradas em cada florzinha, quando é primavera na Terra e na alma de cada criatura.

— O que! Exclamou o rei surpreso. É só isso que tenho que fazer, só juntar essas pequenas flores? Os vales e as florestas estão cheios delas e em todo o lugar que você for, você pisa sobre elas.

— É verdade que as pessoas esmagam muitas dessas lindas flores sob os pés, disse o Anjo. Entretanto, encontrar as Chaves não é tão fácil como pode parecer. Há apenas três chaves que podem abrir os portões do céu e todas as três somente serão suas se brotarem a seus pés — e para você. Todas as outras milhares de prímulas que brotam na Terra e que no reino das fadas são conhecidas como as Chaves do Céu, servem apenas para lembrar os seres humanos de fazer florescer às verdadeiras Chaves do Céu, pois estas são as flores sobre as quais todos estão pisando.

Neste momento, apareceu uma criança diante dos portões do céu segurando três pequenas chaves em sua mão. As flores exalavam uma fragrância deliciosa nas mãos da criança. Enquanto ela tocava os portões do céu com as três chaves, esses se abriram e o Anjo Gabriel a conduziu para dentro. Mas, os portões fecharam-se novamente e o rei permaneceu sozinho diante dos portões fechados. Então, desceu pensativamente a montanha em direção à Terra e, em todos os lugares, os campos e os prados estavam cheios das mais belas e douradas Chaves do Céu. O rei tomou muito cuidado para não pisar sobre elas, mas nenhuma das flores brotou aos seus pés.

- Será que não conseguirei achar as verdadeiras Chaves do Céu, o rei perguntou a si mesmo, quando uma criança pode encontrá-las?

Mas, ele não as encontrou e muito tempo se passou.

Um dia, quando estava saindo de seu Castelo acompanhado pelos seus cortesãos e em todo seu esplendor, uma criança suja e rejeitada, que não tinha pai nem mãe, estava pedindo esmolas no caminho.

— Ah, mande-a pedir esmolas em outro lugar, disseram os servos, puxando-a de lado quando ela se aproximou do rei com as mãos estendidas.

Mas o rei puxou para si a criança. Todos esses anos desde que havia descido da montanha, ele havia pensado muito sobre as Chaves do Céu. Então, ele levantou a criança e colocou-a diante dele, sobre seu cavalo, e a levou para o castelo. Quando chegou à casa ordenou que a criança fosse alimentada e vestida; ele mesmo a auxiliou e a enfeitou, colocando uma pequena coroa sobre sua cabeça.

De repente, floresceu aos seus pés uma pequena Chave dourada do Céu. Então, o rei proclamou que em todo o seu reino, todos os pobres e todas as crianças seriam seus irmãos.

Muitos anos se passaram. Um dia, o rei cavalgava pela floresta com seus nobres. Vendo um lobo doente e ferido, ele desmontou e descobriu que o animal estava desamparado e impossibilitado de se mover.

— Oh, deixe-o morrer, disseram os cortesãos, pondo-se entre o rei e a miserável criatura.

Mas o rei pegou o pobre animal e o colocou em uma das carruagens e, quando chegou ao seu lar, carregou-o em seus braços para o palácio. Cuidou dele diariamente até que lhe devolveu a saúde e, desde esse dia, o lobo o seguia por todos os lados. Então, brotou a seus pés a segunda Chave Dourada. Daí para

frente, o rei declarou todos os animais viventes em seu reino, como seus irmãos mais jovens.

Passaram-se mais alguns anos e um dia, andando pelos jardins do palácio, o rei regozijava-se ao admirar as plantas e flores raras, tão artística e zelosamente cuidadas e nutridas, o que tornava seu jardim o mais belo de toda a nação. Olhando para baixo, o rei viu, à beira do caminho, uma flor de aparência feia, quase murcha pela ação do Sol, suas folhas cheias de pó decaídas, com sede.

- Vou buscar água, disse o rei.

Mas o jardineiro o reteve.

— É feia como erva daninha, ele disse. Deixe-me arrancá-la e queimá-la. Não há lugar para ela em seu jardim, com todas essas flores maravilhosas.

Mas o rei, pegando seu capacete dourado, encheu-o com água fresca da fonte e o levou para a planta. A planta bebeu a água e começou a respirar, a viver e a florescer novamente.

Então, a terceira Chave do Céu floresceu aos pés do rei, enquanto a pequena mendiga e o lobo olhavam para ele. O rei, olhando para a montanha, viu os portões do céu se abrirem amplamente e na luz radiante do Sol estava o Anjo Gabriel e a pequena criança que há muito, muito tempo já havia encontrado o caminho do céu.

As três Chaves do Céu ainda hoje florescem e brilham mais e são mais belas que todas as pedras preciosas de Ofir e todas as rosas de Damasco.



A FONTE DA AMIZADE

John Scott Douglas

Nuvens de poeira moviam-se pela ação das grandes rodas de ferro da diligência, enquanto os fatigados bois subiam a pequena montanha. Priscila correu pela areia quente, grata por uma pequena sombra proporcionada pela cobertura da diligência.

Seu irmão Herbert encorajou os bois, sua voz soando desafinada e baixa na quietude do deserto. No topo do morro, ele retirou à diligência da estrada e gritou:

— Pare!

Priscila saiu para ver se ele estava dando passagem a outras diligências. Seus olhos azuis atentos perceberam imediatamente a cena que estava à sua frente. O pico da montanha erguia-se sozinho na planície ressecada e marcava o ponto divisório de duas trilhas. Uma, ia para o sul através de um sulco branco e alcalino. A outra, abraçava uma cadeia de montanhas ao norte — montanhas vermelhas e amarelas que cintilavam nas dunas quentes.

Bem abaixo deles, uma cabeça inclinada subia a montanha em que eles estavam. Uma mulher envelhecida e uma garota de rosto redondo, de idade aproximada à de Priscila, caminhavam com dificuldade ao lado dos dois bois magros. A derrota estava escrita em cada linha dos dois estranhos que se aproximavam — nos seus ombros caídos, nos seus semblantes desanimados, nos seus passos lentos.

— Não vá começar um bate-papo, disse Herbert, não temos tempo a perder se pretendemos alcançar a caravana.

Priscila olhou para seu irmão com surpresa. O tom, as palavras, não eram suas. Somente um ano mais velho, ele parecia ter envelhecido anos nessas últimas semanas. Não é de admirar, pensou Priscila. Ele era muito novo para tal responsabilidade. Mas não foi o envelhecimento que preocupou Priscila. A face morena de Herbert tornara-se mais magra, seus olhos mais ansiosos e toda sua amabilidade desaparecera. De alguma forma, ele tinha endurecido e isso era o que preocupava sua irmã, mais do que tudo.

À medida que a diligência se aproximava, Priscila podia ouvir um som áspero e desagradável que, algumas vezes, parecia um grito estridente. Ela notou que a roda traseira direita da diligência que se aproximava, não girava totalmente. Se arrastava pela areia tornando mais difícil o trabalho dos bois.

A mulher e a menina não levantaram suas cabeças quando desviaram os bois para o lado, a fim de passar. O coração de Priscila sensibilizou-se pela indiferença delas, porque ela reconheceu que essa indiferença era devida ao completo cansaço que tinham.

— Perdão, disse Priscila, impulsivamente. Não seria mais fácil se essa roda fosse engraxada?

O chapéu levantou-se e Priscila viu os olhos da mulher brilharem.

— Como você é esperta! – disse ela asperamente.

— Sei que vocês não têm graxa, Priscila respondeu rapidamente, mas nós temos um pouco e tenho certeza de que meu irmão teria prazer em ajudá-las.

A mulher encarou a face ansiosa e ruborizada de Priscila, e lágrimas rolaram por seu rosto moreno.

— Perdão, minha filha. Eu estou tão embrutecida que mal reconheço a gentileza. Eu agradecerei muito a seu irmão se ele fizesse isso para mim.

Priscila ficou contente ao ver que a mulher não percebeu o olhar amuado de Herbert. O tempo era tão precioso!

A mulher dirigiu-se à mãe de Priscila, que estava dirigindo os bois, pois estava muito cansada para andar. A garota aproximou-se de Priscila, levantando seus grandes olhos escuros.

— Deve desculpar mamãe, disse ela. Ela não é assim normalmente. Mas... perdemos papai. A garota acenou indefinidamente para as montanhas que estavam à oeste, bem distantes.

— Há muita cólera nos trens de imigrantes, disse Priscila com emoção. Meu pai também pegou cólera... e nada pudemos fazer...

— Eu entendo, disse à menina.

— Perdemos a caravana em que estávamos, Priscila explicou. Quebramos o balancim do carro e tivemos que parar enquanto Herbert fazia outro.

— Planejam pegar a bifurcação sul para Pinnacle Rock? – perguntou a garota.

Priscila concordou.

— Temos só um barril de água. Precisamos conseguir mais em Fonte Sultry.

A outra menina olhou rapidamente.

— Viemos de lá. A Fonte Sultry está seca, ela acrescentou num rouco sussurro. Talvez encontrem água na bifurcação do norte, não sei.

Herbert tinha acabado de engraxar a roda. Sorrindo, a mulher e a garota agradeceram.

— Vocês encontrarão aquela caravana em apenas um dia adiante, disse a menina.

A roda não mais emperrou ou se arrastou. Vendo seu progresso, Priscila observou que a mulher e a menina não mais fixavam o olhar no chão. Elas andavam eretas, olhando para a frente. Ela sentiu um ar de triunfo nelas e ficou contente, percebendo que ajudara a animá-las.

Quando ela voltou, viu Herbert olhando perturbadamente para uma mancha escura debaixo da diligência. De repente, ele correu para os fundos, subiu na diligência e quando Priscila o alcançou, Herbert estava sacudindo um barril, desesperado.

— Saiu a rolha de nosso último barril de água! Nenhuma gota sobrou! Enquanto nossos bois estão quase morrendo, você fica aí tagarelando.

— Devemos chegar a Fonte Sultry antes do anoitecer, vociferou Herbert.

— Aquela mulher e a garota vieram do sul, Herbert. A Fonte Sultry está seca.

Ele derrubou o barril, seus olhos em pânico.

— Seca?

— A garota acha que podemos encontrar água na bifurcação norte.

— Não, disse ele roucamente. Os guias dos imigrantes nada dizem sobre água ao norte. É isso que conseguimos porque você nos atrasa com cada estranho que encontramos.

Os olhos de Priscila entristeceram-se.

— Herbert, você está aborrecido. Além do mais, seguiríamos a bifurcação sul se eu não tivesse falado com aquela menina.

— Talvez seja verdade, disse ele, mas você não tem nenhuma desculpa por ter ficado tagarelando ontem, por meia hora, com aquele comerciante velho e grisalho.

— Mas ele estava ansioso para conversar com alguém, Herbert. Sua face iluminou-se quando parei para conversar com ele. E ele tinha tantas coisas para dizer sobre estas terras que estão adiante.

— Interessante, talvez, mas perda de tempo.

Ela o olhou fixamente quando ele pulou para o chão. Tocou-lhe o braço temerosamente. Ele virou-se, olhando-a carrancudo.

— Herbert, não seja insensível, por pior que estejam as coisas. Se você não pode perder tempo para uma palavra amiga ou um ato gentil durante a viagem, na verdade, você não está vivendo.

Ele olhou para ela, endurecido e imóvel.

— Você deve tomar conta de si mesma. Não pode ficar pegando para si os problemas dos outros.

Ele continuou a caminhar. Nada falou quando pegou a bifurcação norte em direção a Pinnacle Rock, ou durante as horas em que viajaram pela base dos penhascos. O calor que os penhascos refletiam ardia como se fosse um forno. Mais de uma vez, Priscila olhou para sua mãe ansiosamente, pois os lábios dela estavam bem apertados. Mas a garota nada disse. Ela sabia que sua mãe estava com sede, mas nada podia fazer.

Finalmente, Herbert parou os bois. Seus olhos estavam arregalados de medo. Priscila foi para a frente e um calafrio lhe percorreu a espinha. A língua dos bois estava de fora e eles estavam tremendo.

— Só um dia nos separa de nossa caravana, Herbert disse roucamente. Mas os bois não aguentarão se não beberem água.

Os olhos de Priscila passaram rapidamente pela planície e dirigiram-se depois para a colina acima. Viu desfiladeiros secos pela erosão, causada pelas tempestades de séculos, artemísias, cactos e grama queimados com exceção de um desfiladeiro onde havia uma única ponta de árvore verde.

— Desate um dos bois, disse Priscila rapidamente. Prenda um pote sobre seu dorso. Acho que sei onde há água.

Herbert protestou quando ela subiu em direção a um desfiladeiro seco. Duas voltas, três — sem nenhum sinal de água. Mesmo assim, Priscila insistiu em continuar, apesar de Herbert ter cada vez mais dificuldade em dirigir o boi pelas ásperas pedras. Meia hora mais tarde, eles chegaram a uma areia úmida onde a água havia corrido, não muitas horas antes; a uns metros daí havia um córrego de águas límpidas.

Eles beberam, deixaram o animal beber e encheram seu pote com água. Em uma das vezes que Priscila abaixou sua cabeça para beber, Herbert empurrou-a para a água. Com a cabeça toda molhada Priscila colocou sua mão no córrego para também jogar água em seu irmão. De repente, ela se endireitou, seus olhos estavam brilhantes.

— Ora, Herbert você está sorrindo! Há semanas que...

— Reconheço que tenho uma razão para sorrir! – Com exceção da magreza de sua face, ele parecia quase um menino outra vez – Nossos maiores

problemas terminaram! Priscila, como você sabia que havia uma nascente aqui? Não há nenhum sinal de água lá embaixo.

Os olhos de Priscila estavam arregalados e brilhantes!

— Tinha que haver água aqui! Lembra-se daquele velho comerciante grisalho com quem eu conversei ontem? Ele me ensinou muitas coisas úteis. Entre elas, disse-me o seguinte: se você encontrar um grupo de arbustos ou árvores de verde mais escuro do que as da redondeza – como as que existem neste desfiladeiro – saiba que lá deve ter água.

— Oh! Disse Herbert. E eu disse que você perdia seu tempo sendo gentil com as pessoas.



NO JARDIM DO TAPETE FLORIDO

Helen Waite

No Jardim do Tapete Florido há uma árvore. Todos os dias meninos e meninas do Reino das Fadas se reúnem em volta dela para estudar, trabalhar e brincar, pois ela é, para eles, a Árvore do Exemplo. É a sua escola. É onde aprendem a diferença entre o certo e o errado, a melhorar seus modos e a prepararem-se para a época em que estarão prontos para a Árvore da Vida.

À Árvore da Vida também está no meio do Jardim do Tapete Florido. Mas ninguém a vê. Está escondida da vista das Fadas crianças, até um certo dia em que elas completem 7 anos do seu crescimento, quando então estarão aptas para a Grande Aventura de aprender o significado das coisas.

A Árvore da Vida é uma árvore etérea, que não pode ser vista à luz do dia, e não pode ser conhecida até que a criança atinja o sétimo ano de sua vida.

Somente neste tempo certo, é que ela brilha para as Fadas e a luz é tão brilhante no início, que os meninos e meninas são tomados de surpresa. A luz brilhante e etérea apareceu de repente no Jardim do Tapete Florido em uma noite de junho.

Naquela noite maravilhosa de junho, duas dúzias de meninos e duas dúzias de meninas estavam reunidos sob sua Árvore do Exemplo, estudando suas lições, como fazem todas as boas crianças. Cada um tinha aprendido a ter bons pensamentos e bons sentimentos extraídos das cores, dos companheiros e dos amigos da Natureza. Cada um tinha aprendido a deixar de lado todos os maus pensamentos e todos os maus sentimentos que, de alguma forma, cresciam em seus corações e em suas Mentes. Às fadas aprenderam tão bem essa lição que, elas mesmas, se tornaram pequenas luzes brilhantes. E, porque cada menino e cada menina estava brilhando com bons sentimentos e bons pensamentos, certa noite em junho, a luz grande e brilhante da Árvore da Vida chegou direto

em suas Mentes e seus Corações. Resplandeceu numa torrente de radiante esplendor.

- O-o-o-o, exclamou um coro de minúsculas vozes, e as Fadas meninas arremessaram-se para o céu carregando a fragrância das flores, enquanto se afastaram assustadas.

Os meninos eram mais destemidos, mas, lá no fundo, eles também estavam um pouco assustados. Eles fingiram que não. Não queriam que as meninas soubessem que estavam tão assustados quanto elas diante daquela luz repentina e brilhante. Então, permaneceram no Jardim, alguns atirando-se ao chão para tirar força da sua Mãe-Terra. Outros seguravam seus joelhos, fechavam suas mãos e apoiavam-se na Árvore do Exemplo para disfarçar seu espanto.

Por um momento, a própria luz das pequenas Fadas tornou-se opaca. O medo fez com que ela se escurecesse. Mas, bem depressa elas perceberam que a Luz radiante, vinha de cima, era amiga e gentil e todos os seus medos se dissiparam e sua luz começou a brilhar novamente.

As fadas meninas saíram das nuvens. Elas flutuavam acima da Árvore do Exemplo, expressando cada um seu espanto e surpresa. Cinco delas, mais aventureiras do que as outras, deixaram de lado suas asas e desceram para o arco de luz na base da maravilhosa Árvore da Vida que não podiam ver.

Doze dos meninos, ainda mais ousados do que suas cinco irmãs, corajosamente mudaram seus sentimentos e avançaram para se apoderar de doze raios de luz. Com uma velocidade assustadora, eles foram impulsionados para cima, para os galhos etéreos que giravam rapidamente acima do chão. Os outros olhavam, aplaudiam e se perguntavam se ousariam segurar um raio da Resplandecente Árvore da Vida.

Lá em cima nos galhos, alguns dos meninos pareciam estar deliciados com sua nova experiência, enquanto outros sentiam-se assustados, outros riam e

alguns apenas fechavam os seus olhos para pensar o que iriam fazer. Apenas um dos meninos foi capaz de flutuar no mesmo instante ao ritmo da extraordinária Árvore. Ele chamou seus irmãos para tentar ajudá-los.

— Veja, ele ria. É fácil. É como se você fosse um pássaro voando, um cardo flutuando no ar ou mesmo um dos nossos bons pensamentos soprando pelos ares.



Os outros meninos lançaram-se na experiência, confusos a princípio, até que, finalmente, todos eles movimentaram-se facilmente no ritmo da vida, como pássaros livres, como semente carregada pelo vento ou como o voo límpido de um bom pensamento.

Um por um, os doze meninos armaram-se de coragem, pesaram os raios de Luz e foram levantados rapidamente no círculo brilhante sobre o Jardim. Uma a uma, as fadas meninas retiraram suas asas e desceram para juntar-se às suas irmãs no arco de Luz que inundava o Tapete Florido, na base da Árvore.

As garotas cresciam parecendo borboletas e pétalas de flores e matizes do arco-íris do orvalho da manhã, à medida que dançavam e brincavam à Luz da Vida. Os meninos cresciam parecendo as mais ativas criaturas do ar, do mar e da terra. E, do sétimo ano de seu crescimento até que se passassem outros sete anos, todas as Fadas meninos e meninas estudaram o significado das coisas na maravilhosa Luz da Árvore da Vida.



A CORTE DA FADA

Ella Van Gilder

ATO 1

CENA 1

A beira da floresta

(Entra o príncipe e a princesa, de mãos dadas, rindo animadamente.)

Ambos

Ho, ho! Ha, ha, ha!

Príncipe

Oh, querida irmã, que travessura vamos armar,

Para do parque do palácio escapar.

Princesa

Eu abandonei as minhas tarefas do dia,

E disse que a minha cabeça doía.

(Segura a cabeça de maneira fingida, sorrindo)

Príncipe

Meu velho mestre, meigo e bondoso,

Para a torre o encaminhei.

Lá irá passar uma hora silencioso

Pois na torre do castelo, eu o fechei.

(Ruidosas risadas).

Princesa

Agora, vamos planejar o que iremos fazer,

Ou que travessura devemos tecer.

Príncipe

Vamos pela floresta obscura entrar,

E nos rios proibidos nadar
(Começam a andar pela floresta).

Princesa

Mas veja! quem corre lá na floresta?

Príncipe

Seja quem for, é pessoa que não presta.

(Grita pare o homem).

Companheiro, pare de correr,

Fique de joelhos para a bênção receber!

Homem

Misericórdia, senhor, eu nada faço de mal.

(O homem vira-se e ajoelha-se com as mãos levantadas).

Princesa

É um ladrão de caça; soe o alarma, o sinal.

Príncipe

Vamos pendurá-lo naquela árvore, lá adiante,

Para ele poder ver o pôr-do-sol radiante.

Homem

Tenha pena, princesa. Nós estávamos procurando a sombra dessa floresta isolada, somente.

Meu filho pelo calor está sufocando

Minha esposa e meu bebê só agem docemente!

(Aponta para a mulher, que segura uma criança morrendo em seus braços).

Princesa

Que me importa a criança morrendo!

Príncipe

Vão, ladrões; peguem isto e saiam correndo.

(Saem todos, enquanto o Príncipe e Princesa atiram pedras no homem e na mulher que fogem).

CENA II

(Entra a Rainha das Fadas e suas ajudantes)

A Rainha das Fadas

Ah, que infelicidade! Ah, que infelicidade!
Que imagem cruel eu estou vendo!
Esses dois, que deviam ser exemplos
E na bondade e na humildade estar vivendo,
Pelas feias palavras proferidas, este lugar perturbará,
Assim devem ser trancados na prisão.

(Vira-se e se dirige a Mercúrio).

Vá, corra ligeiro e raciocine rapidamente,
Para aqueles dois malvados ensinar.
Abra os olhos deles para que eles vejam realmente,
Nossa corte de fadas majestosamente desfilar.

Mercúrio

Nobre Rainha das Fadas, eu vou já
O par malandro, eu os estou vendo lá.

(Sai Mercúrio)

Rainha Fada (Para o Mensageiro)

Avise as fadas do vale
Que na corte permaneçam,
Descansem e se fortaleçam.

(Saem a Rainha e as Fadas. O Mensageiro toca a campainha)

CENA III

(Dos 4 cantos, entra um grupo de Fadas)

(As fadas dançam)

Primeira Fada

Das moitas de samambaias do vale viemos.

Segunda Fada

E nós do meio das urzes chegamos.

Terceira Fada

Do coração do jardim das rosas aqui estamos.

Quarta Fada

E nós, do lugar onde os trevos crescem, voamos.

(Entra a Rainha e as ajudantes. Todas fazem reverência quando a Rainha entra)

Fada Rainha

Fadas, levantem-se! E ouçam com atenção,
Enquanto lhes contarei uma história vergonhosa,
O príncipe e a princesa desta ilha são
Desobedientes, cruéis, e têm uma língua maldosa.
Não conhecem o amor e nem o têm no coração,
Para eles, qual deve ser a pena culposa?

Mensageiro

Prisioneiros, permaneçam de pé para ouvirem.

(O Príncipe e a Princesa se aproximam).

Primeira Fada

Vamos deixá-los, por um dia e por um ano,
Nas florestas onde os mais violentos ventos sopram,
E onde os duendes do mundo inferior habitam.

Princesa

(Implorando)

Oh, não cometam tal crueldade, no momento!

A Rainha

Silêncio! É um pouco tarde para o arrependimento.

Segunda Fada

Os maus pensamentos serão transformados em coisas rastejantes.

Terceira Fada

As palavras cruéis, em insetos picantes.

Quarta Fada

A roedores serão seus desejos inferiores.
Até seus corações inspirem nobres atos superiores.

Príncipe

Vocês não podem nos dar tal sorte e tal lei.

Pois somos os filhos do Rei.

(Põe os braços ao redor de sua irmã que chora).

Fada Rainha

Saiba, soberbo Príncipe, que existe e impera

Uma corte maior e mais soberana que a do Rei,

Uma corte que todas as outras supera.

É o Reino do Amor, onde só o Amor é lei.

Príncipe e Princesa

Oh, poupe-nos, nobre Rainha, e prometemos,

Que seus mais humildes servos nós seremos!

(Caem de joelhos, implorando, com as mãos levantadas).

A Fada Rainha (Para o Mensageiro)

Avise os duendes já é hora de começar

A sentença foi dada, não precisamos ficar.

(Entram os duendes e acompanhantes)

Aqui estão os culpados, vocês os devem vigiar,

Nós vamos para o Vale das Fadas descansar.

(Saem a Rainha e as Fadas)

(Os duendes estão vestidos de verde. Seu líder fala às crianças).

Líder

Ho, Ho! O que hoje aqui vemos?

Um príncipe e sua querida irmã juntamente.

Agora, garotos, vamos agir e espertos serão,

Se enxugarem os seus olhos rapidamente.

E para casa voltarão

Se aprenderem esta lição.

Companheiros, não devemos esperar tão tranquilamente

Mas enquanto esperamos, cantemos uma canção.

(Todos se dão os braços e cantam juntos)

CANÇÃO

Oh, nós somos os duendes do mal,

Gnomos dos limites da Terra distante.

Das águas paradas, verdes, viscosas e da cal

Sai nosso exército maldoso e operante.

Nós coalhamos o leite nas leiteiras.

Nós deixamos o fogo queimar,

Impedimos que a manteiga seja feita

Quando as mulheres o leite vão desnatar

Oh, nós somos os duendes do mal,

Gnomos dos limites da Terra distante.

Das águas paradas, verdes, viscosas e da cal

Sai nosso exército maldoso e operante.

Líder

Daremos aos nossos hóspedes reais uma oportunidade.

De ver como nós dançamos bem de verdade.

(Duendes dançam. Todos se sentam num círculo, com as pernas cruzadas de um lado e do outro).

Líder

Venha, “Sapo Magricela”, no meio pode se sentar

E uma música em seu violino comece a tocar.

(Um duende vai à frente e toca um instrumento).

Líder (No Final)

Agora, vamos para nossa caverna sinuosa,
E levemos conosco esta dupla principesca maldosa.

(Saem todos)

ATO II

CENA I

(Entra o Rei, a Rainha e seus ajudantes)

Rei

Bom dia, Rainha, como está o dia surgindo?

Rainha

Estou em lágrimas por algo desconhecido.

Rei

Venha, vamos dar uma volta no jardim

Que isso dissipará seus temores.

Mas, quem vem lá? Um cavaleiro corajoso, sim!

Fale rapaz, relate o que viu de bom e, também, os horrores.

(O cavaleiro ajoelha-se, descobrindo a cabeça).

Cavaleiro

Bom senhor, a mensagem que eu trago pessoalmente

Entristecerá a ambos, Rei e Rainha.

O Príncipe e a Princesa não foram encontrados realmente,

Vasculhamos várias vezes o castelo e a propriedade inteiramente.

Rainha

Ah, pobre de mim! O meu pressentimento sentido,
Era, na verdade, um aviso contido.

(Afunda-se num banco, chorando).

Rei

Vá, amigo, chame os guardas e os homens disponíveis.
Procure por todos os lados possíveis.

(O cavaleiro sai; o Rei retorna para confortar a Rainha).

Seja forte, cara esposa, devemos realmente afastar
Nossos temores para o sucesso alcançar.

CENA II

(Príncipe e Princesa na floresta escura, roupas rasgadas, parecendo muito
fracos).

Princesa

Oh, será que nunca deste lugar sairemos?
Os espinhos arranham nossas mãos, as moscas picam
Nossas faces e assim sofremos.
Tenho medo das cobras e dos ratos roedores,
Das corujas que gritam e dos morcegos voadores.

Príncipe

Tentei cortar os espinheiros,
Mas, quanto mais os corto, mais eles vão crescendo.
Descanse sua cabeça, somos companheiros,
Eu vou deitar-me no solo, estamos ambos sofrendo.

Princesa

Sobre este monte de folhas, minha cabeça deitarei,
E aqui será meu túmulo e aqui eu morrerei.

(Ambos adormecem)

CENA III

(Entram o Rei e a Rainha, a Rainha apertando suas mãos. São seguidos pelo Mensageiro e ajudantes)

Rainha

Nenhuma notícia, meu senhor? Meu coração está ferido,
Chorei até não mais ter podido.

Rei

Paciência, querida, deve ser esse sofrimento
Para algum bem, eles chegarão breve.
Tenho o pressentimento!

Rainha

Eu lhe rogo, chame a Fada Rainha nesta situação.
Por ela, todas as coisas aparecerão.

Rei

Chamaremos! Vá, Mensageiro! Pela nossa fé, queremos vê-la.
Imploramos uma audiência com ela.

Mensageiro

Rapidamente vou procurar seu lar,
E, em uma hora, voltarei a este lugar.

(Sai o Mensageiro).

Rainha

Minhas damas agora irão cantar uma canção,

Talvez isso traga algum conforto ao meu coração.

(As damas cantam “O homem de Areia” (The Sandman))

O homem de Areia chega ao fim da jornada.

Traz o seu pacote de areia pela sua caminhada

Sobre uma pequena nuvem no céu.

Joga a areia e vai embora, então,

Cantando assim sua canção:

“Onde estão as crianças — meninos e meninas?

Deixem de lado seus livros e brinquedos,

Venham para o mundo do sono,

De mãos dadas, rapidamente naveguem,

E durmam pela noite suavemente,

Para acordar quando o sol estiver brilhando novamente.

Durmam, crianças durmam.

As pequenas estrelas os vigiarão,

Durante toda a noite enquanto dormem,

Os anjos à sua cabeceira ficarão,

E guardarão vocês em seus bercinhos,

Mantendo-os seguros, durante a noite, quietinhos,

E, à luz do dia, os acordarão.

Durmam, crianças, durmam”.

(Entra o Mensageiro e ajoelha-se diante do Rei)

Mensageiro

Senhor, a Fada Rainha manda avisá-lo

Que sua corte fica debaixo da Árvore-Verde,

E ela está a esperá-lo.

Rei

Não percamos mais tempo, vamos já,

Vamos depressa para lá.

(Saem todos).

CENA IV — Corte da Fada Rainha
(Entram o Rei, a Rainha e os ajudantes)

Fada Rainha

Dou-lhes as boas-vindas, real casal.
Sei o seu desejo e lhes direi cortesmente,
Seus filhos serão nossos prisioneiros
Até que aprendam a lição, verdadeiramente:
Até que tenham vontade, e possam
Amar e servir seus semelhantes sinceramente:
Seus pensamentos devem ser sempre puros e fraternais:
E, então, poderão voltar para seus pais.

Rainha

Mas como essas lições aprenderão?
E como a liberdade ganharão?

Fada Rainha

Manterei sobre eles estrita vigilância,
E murmurarei a eles, enquanto dormem,
Que devem aprender a orar com constância,
E, ao grande Pai, por amor implorem.

Rei

Até logo! Rogo-lhe que eles fiquem amparados,
E proteja nossos filhos tão amados.

(Saem o Rei, a Rainha e os ajudantes).

CENA I — A floresta escura

(O Príncipe e a Princesa dormem. Entra a Fada Rainha e as fadas que dançam em volta das crianças e param de vez em quando para sussurrar em seus ouvidos. As crianças bocejam, espreguiçam-se e acordam)

Princesa

Irmão, um sonho estranho passei esta noite a sonhar!
Esse riacho parecia uma corrente de cristal esplendorosa,
Esta floresta tenebrosa parecia um lar,
E cada espinheiro, uma flor maravilhosa.

Príncipe

Eu tive sonhos estranhos esta noite também,
Tudo aqui parecia um campo repleto de luz,
E cada papoula ao sol, lá no além
Era uma boa ação, que praticamos a alguém.

Princesa

A coisa que mais estranha me pareceu,
Foi essa mudança maravilhosa
Que em nossos corações aconteceu.
Nossos pensamentos eram puros e lavados
E nossos sentimentos nada tinham de malvados.

Príncipe

Eu sonhei que, pelas nossas boas ações,
As sementes selvagens nós transformamos
E em terras férteis cresceu o trigo que nós plantamos.

Princesa

Vamos ver se tudo isso é realmente assim.

(Entra um vendedor ambulante, carregando um pesado pacote).

Príncipe

Lá vem um vendedor com um pacote a vergar.

Amigo, aliviarei você desse peso a carregar.

Princesa

Eu vou para a fonte rapidamente.

Para trazer-lhe um copo de água refrescante.

Descanse nesta relva tranquilamente,

Porque seu caminhar deve ter sido incessante.

(Traz a água e ajuda o estranho a sentar-se)

(O ambulante, tirando sua máscara, revela-se a Fada Rainha)

Fada Rainha

Crianças, vocês aprenderam a lição,

E com isso sua liberdade ganharão.

Amanhã, quando o sol surgir,

Estarão longe desta escura prisão.

CENA II — Nas terras do Castelo

(Rei, Rainha, ajudantes atrás)

Rainha

Vamos para a floresta esperar,

Nossos filhos podem hoje voltar!

Re

Eu ouvi soar a corneta da Fada, lá longe.

A Fada Rainha vem vindo com sua corte, hoje.
(Entra a Fada Rainha, Fadas, Príncipe e Princesa)

Fada Rainha

Aqui estão vossos filhos, sãos e salvos e vereis
Que mais doces do que nunca os achareis.

(A Rainha abraça os filhos, chorando).

Rainha

Parece que meu coração explode alegremente,
Por ter os meus filhos comigo novamente.

Rei (Para o Mensageiro)

Proclame uma festa pela região.
Convide esta Fada e seu séquito irmão.

A Fada Rainha

Obrigada, senhor, não podemos ficar
O sol já se eleva — temos que voltar.

(Saem as Fadas e a Fada Rainha).

(O Rei, a Rainha e seus filhos, formam um grupo no jardim).

Príncipe

É bom estarmos de volta ao lar,
Mas não como éramos antes.
Sabemos, agora, que aprender o sentido de amar,
É a nossa única felicidade.
A alegria de servir seus semelhantes,
É o que um príncipe real deve cultivar
Assim como todos nós, em todos os instantes.

